



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA

PRISCYLA FERNANDA OLIVEIRA VIANA

**ARQUEOLOGIA BÉLICA: DISTRIBUIÇÃO DAS ARMAS DE FOGO
VISTA ATRAVÉS DOS PERIÓDICOS NORDESTE**

LARANJEIRAS
2018

PRISCYLA FERNANDA OLIVEIRA VIANA

**ARQUEOLOGIA BÉLICA: DISTRIBUIÇÃO DAS ARMAS DE FOGO
VISTA ATRAVÉS DOS PERIÓDICOS NORDESTE**

Orientador: Leandro Domingues Duran

Co-orientador: Paulo Fernando Bava de Camargo

Trabalho apresentado ao Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arqueologia.

LARANJEIRAS
2018

PRISCYLA FERNANDA OLIVEIRA VIANA

**ARQUEOLOGIA BÉLICA: DISTRIBUIÇÃO DAS ARMAS DE FOGO
VISTA ATRAVÉS DOS PERIÓDICOS NORDESTE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial
para a obtenção do título de Bacharel em Arqueologia.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Leandro Domingues Duran (Orientador)

Prof. Dr. Gilson Rambelli (Membro Interno)

Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá (Membro Externo)

LARANJEIRAS
2018

Dedico esta monografia a meu avô (In Memoriam)
a quem sempre me contou suas histórias com
Lampião, a minha família, em especial a minha
mãe Ezimari, quem sempre me incentivou com os
estudos, e a todos os amantes do Cangaço.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento é a palavra mais singela que encontrei para dizer a todas as pessoas que de alguma forma me ajudaram na minha formação como arqueóloga, profissional e ser humano.

Agradeço à Deus, por toda a proteção divina, acolhimento e sabedoria durante todos os momentos. Por estar comigo em todos os momentos difíceis que clamei seu nome e por todos os momentos de alegria que me faz ser eternamente grata.

Aos meus parentes e familiares pelo apoio carnal e por estarem sempre torcendo pelo meu crescimento, vocês foram importantes nesse processo

Agradecer a grande mulher da minha vida, minha mãe Ezimari quem mais me incentivou a entrar na universidade, a continuar no curso e não desistir tão fácil dos nossos objetivos.

Obrigada mãe por sempre acreditar em sua filha! Eu amo incondicionalmente a senhora.

A meu irmão mais velho Gustavo que se tornou um grande pai para nós (irmãos) dando conselhos, apoiando financeiramente e incentivando para sermos pessoas melhores. Agradeço esse irmão que sempre me compreendeu, que sempre me ouviu, entendeu e confiou nas minhas vontades.

Agradecer a minhas irmãs de vida, Luzia e Daniela que sempre estiveram comigo desde a infância e agora consegue ver meu crescimento. Dani, por toda paz e leveza que você me traz, e Lu por todos os momentos de longas conversas, por toda compreensão, por todo carinho, respeito e admiração. Eu amo vocês!

Aos meus amigos e amigas que da arqueologia pelos maus e bons momentos nessa vida acadêmica. Por ter compartilhado comigo os momentos de frustrações, tristezas, alegrias, felicidades e companheirismo. Agradeço em especial a Ariane, Lucas, Adriana, Elis, Juliana, Aíres por todo carinho e atenção.

Aos guerreiros e guerreiras que compartilharam comigo a vida em Laranjeiras, em especial A Natasha, Luana, Sofia, Mariana, André, Elaine, Larousse.

Agradeço as arqueólogas nativas de Laranjeiras Bruna e Paula por todo acolhimento, atenção, cuidado e amizade. Muito obrigada meninas!

Agradeço a minha segunda família Gildete e Nathalia, presentes que a vida me deu.. Dois seres humanos de luz que sempre me protegeram, estiveram comigo em muitos momentos difíceis e que me deram um amor carnal. Amo vocês!

Agradeço a outra laranjeirense, Lane que foi muito importante no início da graduação, me deu uma grande força e quem me apresentou a minha segunda família. Muita agradecida por todo cuidado e carinho.

Agradeço imensamente as minhas arqueogatas (bests frenos), esse grupo de arqueólogas e amigas que cotidianamente constrói conhecimentos, essas mulheres maravilhosas que me ensinaram a ver a arqueologia da melhor forma. Agradeço em especial Jacqueline que me ajudou bastante nesses últimos dias com a monografia, por todo conhecimento compartilhado e pelo abrigo. Agradeço também a Izabella por todas as críticas construtivas na hora e no momento certo, por todas as dicas e por todo conhecimento de vida. Muito obrigada meninas! Agradeço imensamente as minhas duas irmãs de alma que a arqueologia me apresentou, Clarari e MariaEunice.

Clara, minha melhor amiga de trilha! Obrigada por todo (e não foi pouco) conhecimento compartilhado, por ser esse exemplo de profissional, te admiro muito por isso, tanto que me fez amar a arqueologia. Obrigada por todos momentos aventureiros, por todo carinho, amor, cuidado, cumplicidade, acolhimento, afeto, pela abrigo nos dias que não tenho para onde ir em Aracaju.. por todos os estresses e tristezas compartilhadas e por todo esses anos de amizade. Meu muito obrigada de coração, eu te amo!

Eunice, nem gente é, ela é um anjo! Obrigada por ser esse ser humano de muita luz que nos traz paz, equilíbrio emocional e tranquilidade nos dias de muita turbulência. Obrigada pelas energias positivas em todos os momentos. Com toda certeza somos pessoas melhores depois de ter te conhecido. Muita gratidão a você, eu te amo!

Agradecer ao meu filhão, meu eterno bebê que sempre esteve comigo, que me aturou, que me aguentou, meu grande companheiro. Mamãe te ama muito! Ozzy também me acalmou nesses dois últimos meses de muito estresse.

Agradecer a minha amiga e companheira Natasha por ter me aturado nos momentos de muito, muitos estresses, que sempre teve presente e nunca desistiu de mim e não me abandonou. Obrigadas pelas longas conversas e aprendizagem.

Agradeço a todos o/as meus/minhas professores e professoras da Universidade Federal de Sergipe, os quais me ensinaram sobre a arqueologia. Obrigada por nos transformarem e formadores de conhecimento e por me compartilhados suas experiências e conhecimento.

Agradeço em especial aos meus dois orientadores:

Paulo Bava de Camargo pela confiança, paciência, pelos incentivos e por ter acreditado em mim e na pesquisa, por todas as orientações que nortearam da melhor forma essa pesquisa, pelas dicas incríveis e indispensáveis. Muito obrigado!

Leandro Duran por ser esse orientador de vida acadêmica e da arqueologia, pelas melhores aulas e por acreditar em uma arqueologia cada vez melhor.

Gratidão a todas pessoas que estiveram comigo direta e indiretamente nessa longa jornada,
Obrigada!

RESUMO

A monografia “Arqueologia Bélica: distribuição das armas de fogo vista através dos periódicos do Nordeste” é fruto de um projeto de pesquisa que vem sendo desenvolvido desde 2016. Tem como objetivo buscar entender como se deu o processo de dispersão das armas de uso pessoal e das armas de Guerra mais comumente utilizadas no Cangaço, entre a última década do século XIX e a década de 1940, ressaltando que a principal via de transporte dessa cultura material bélica até o Brasil foi através dos portos e rotas marítimas comerciais. Para isso, utilizou-se o acervo de periódicos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional como principal fonte de informação para encontrar registros documentais sobre os armamentos em foco. As armas de fogo escolhidas para a pesquisa foram: o fuzil e a pistola automática Mauser; fuzil Comblain; fuzil ou carabina Mannlicher; pistola Luger Parabellum; rifle Winchester; revólver Smith&Wesson; submetralhadora Bergmann; e o fuzil-metralhadora Hotchkiss. Durante esses anos, a pesquisa perpassou por todos os periódicos dos estados que compõem a região do Nordeste (Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão e Piauí), resultando em uma gama de notícias publicadas sobre a chegada das armas utilizadas desde o final do século XIX até a primeira metade do século XX e sua distribuição através do tempo e dos municípios. A análise feita com base nas informações pesquisadas coloca em evidência o crescente uso desse armamento pelos policiais, civis e cangaceiros, ao longo desse período. Além dos já conhecidos fatores sociais de estímulo do banditismo no sertão, o fortalecimento dos arsenais pró ou contra o Cangaço também se dá em razão da farta disponibilidade dessas mercadorias produzidas aos milhões pelas potências industrializadas, engajadas, desde o século XIX, em uma corrida armamentista que culminaria na Grande Guerra de 1914-1945.

Palavras-chave: Arqueologia Bélica. Cangaço. Periódicos.

ABSTRACT

The monograph "Archaeology of War: distribution of firearms seen through the periodicals of the Northeast" is the result of a research project that has been developed since 2016. Its objective is to seek to understand how the process of dispersion of weapons for personal use and weapons of War more commonly used in the Cangaço, between the last decade of century XIX and decade of 1940, with emphasis that the main route of transport of this material culture war until Brazil was through the ports and commercial sea routes. For that, the collection of periodicals of the Digital Library of the National Library was used as main source of information to find documentary records on the armaments in focus. The firearms chosen for the survey were: the rifle and the Mauser automatic pistol; Comblain rifle; Mannlicher rifle or carbine; Luger Parabellum pistol; Winchester rifle; revolver Smith & Wesson; Bergmann submachine gun; and the Hotchkiss machine guns. During these years, the research covered all the periodicals of the states of Brazil Northeast region (Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão and Piauí), resulting in a range of the arrival of the weapons used from the end of the nineteenth century until the first half of the twentieth century and its distribution through time and municipalities. The analysis based on the information researched highlights the increasing use of this weaponry by police officers, civilians and cangaceiros, throughout this period. In addition to the already well-known social factors that stimulate banditry in the Sertão, the strengthening of arsenals for or against Cangaço is also due to the abundant availability of these goods produced by the millions of industrialized powers, since the 19th century in an arms race which would culminate in the Great War of 1914-1945.

Keyword: War Archeology. Cangaço. Newspapers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Movimento Marítimo do Brasil.	19
Figura 2 - Carabina Comblain modelo 2.	38
Figura 3 - Notícia sobre o uso do armamento Comblain em Canudos. Data: 18/07/1897.	40
Figura 4 - Mapa 1: Mapa do trecho da Estação Ferroviária Timbó a Propriá.	Erro! Indicador não definido.
Figura 5 - Carabina Winchester, 1892.....	43
Figura 6 - Notícia do Jornal Relatório do Governo da Bahia.....	43
Figura 7 - Smith & Wesson .38 SPL e um coldre de couro, 1911.	45
Figura 8 - Uma carabina Mannlicher, modelo 1888.	46
Figura 9 - Notícia do jornal A República sobre o uso do armamento em Canudos.	47
Figura 10 - Canhão metralhadora, 1894.	49
Figura 11 - Metralhadora Hotchkiss M1914.....	49
Figura 12 - Armas Luger Parabellum de 1906 de contrato brasileiro, com uma caixa de munição.	51
Figura 13 - A Parabellum e a Mauser em uma mesma notícia.....	52
Figura 14 - Gráfico 10 - Fuzil Mauser “brasileiro”, modelo 1895.....	54
Figura 15 - Gráfico 11 - Fuzil Mauser “brasileiro”, modelo 1908.....	54
Figura 16 - Pistola Mauser C96.....	54
Figura 17 - Notícia do Jornal A União sobre o armamento Mauser em Canudos no ano de 1897.....	57
Figura 18 - Apresenta na notícia a existência de uma Lei que restringe o porte de armas.	62
Figura 19 – Mapa 2: Mapa de distribuição das armas Mauser no estado de Pernambuco.	65

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gráfico da Porcentagem de Ocorrência de Armas em Periódicos do Nordeste.	24
Gráfico 2 - Gráfico de Porcentagem de Ocorrência de Armamentos no Nordeste.	25
Gráfico 3 - Gráfico contendo Todas as Ocorrências de Armas.	27
Gráfico 4 - Gráfico de cada Armamento.	36
Gráfico 5 - Arma Comblain.	39
Gráfico 6 - Arma Winchester. Fonte: A Autora (2018).	42
Gráfico 7 - Arma Smith&Wesson. Fonte: A autora (2018).	42
Gráfico 8 - Arma Mannlicher.	48
Gráfico 9 - Armas Hotchkiss e Parabellum.	53
Gráfico 10 - Todas as Amas x Mauser - Nordeste.	58

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Representação do corpus documental da pesquisa.....	15
---	----

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 - Amostra Quantitativa de Periódicos, nos quais constam ocorrências bélicas.	16
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. OBJETIVOS	9
2.1.OBJETIVO GERAL.....	9
2.2.OBEJTIVOS ESPECÍFICOS.....	9
3. BASE TEÓRICA	10
4. METODOLOGIA	13
4.1. CLASSIFICAÇÃO DOS ARMAMENTOS	20
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	22
5.1. DESCRIÇÃO DOS TIPOS DE ARMAS	38
5.1.1. Comblain	38
5.1.2. Winchester	42
5.1.3. Smith&Wesson.....	46
5.1.4. Mannlicher.....	47
5.1.5. Hotchkiss.....	50
5.1.6. Parabellum.....	51
5.1.7. Mauser	55
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
7. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS	69

1. INTRODUÇÃO

A monografia é fruto de um projeto de pesquisa que vem sendo desenvolvido desde 2016, na Universidade Federal de Sergipe, intitulado como “Navios, portos e distribuição: Arqueologia das armas do Cangaço”. Tem como objetivo principal entender o processo de distribuição das armas contemporâneas mais comumente utilizadas no Cangaço, entre a última década do século XIX e as quatro primeiras do século XX. Parte-se da premissa que essas armas, todas importadas, chegaram aos portos brasileiros em navios de carreira comuns, mas acabaram alcançando o sertão nordestino através de processos de distribuição complexos, envolvendo comercialização legal, descaminho, roubo e venda, transporte ferroviário, fluvial, dentre outros.

Esta monografia também está relacionada a outro projeto de pesquisa, denominado “Persigas e Brigadas”, levado a cabo desde 2014, na mesma Universidade e coordenado por Leandro D. Duran. Seu objetivo gira em torno da Arqueologia bélica do Cangaço, tendo como foco principal, atualmente, o registro e análise do acervo do Museu da Polícia Militar de Sergipe.

O Persigas e Brigadas associado a monografia visa dar maior consistência às informações existentes sobre as operações bélicas do Cangaço, as quais dependeram em grande parte à capacidade das forças do governo e os cangaceiros de se armar com equipamentos modernos. E tal abastecimento só foi possível em função da escalada armamentista da Europa, do reaparelhamento das forças de armadas brasileiras, bem como das facilidades comerciais inerentes às rotas de navegação e redes de distribuição dessas armas pelo Nordeste, desde os principais portos até o sertão profundo.

A metodologia para a realização desta pesquisa, da qual ora apresentamos resultados parciais, é bastante simples: trabalha-se com a distribuição das armas de guerra – não de defesa pessoal – contemporâneas que foram utilizadas nas ações de combate do Cangaço, tanto pelas forças de segurança – notadamente a polícia ou força pública – quanto pelos cangaceiros.

Não se pretendeu ir atrás das armas remanescentes que foram propriamente utilizadas nos combates e escaramuças, mas sim obter informações indiretas sobre o seu aparecimento no palco dos combates e suas proximidades. Assim, optamos por encontrar registros documentais escritos sobre os armamentos no Nordeste, o que foi possível através do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital do Brasil [<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>]. As

pesquisas foram realizadas em todos os periódicos dos nove estados que compõe a região do Nordeste, com exceção dos periódicos do estado de Pernambuco, na qual foi analisado apenas um jornal. As buscas resultaram em um total de um mil trezentos e noventa e cinco (1395) informações – notícias, anúncios, artigos, dentre outros – sobre as principais armas da época que compõem o corpus da pesquisa: carabina Comblain, rifle Winchester, metralhadora Hotchkiss, carabina e fuzil Mannlicher, revólver Smith & Wesson, pistola Parabellum, fuzil e pistola Mauser.

1. OBJETIVOS

1.1. OBJETIVO GERAL

A pesquisa, como é sabido, está associada à dois grandes planos de trabalhos, o primeiro voltado para o Patrimônio Cultural Subaquático, e o outro associado aos estudos da cultura material bélica do Cangaço, desse modo, a monografia tem como objetivo geral fazer uma busca em jornais de cada estado que compõe a região do Nordeste sobre os armamentos mais comum utilizados no Cangaço, e através das análises desses documentos entender como se deu o processo de utilização das armas de fogo antes, durante e depois do período do cangaço, sabendo que a principal via de chegada desse armamento no Brasil foi através das rotas marítimas e dos portos.

1.2. OBJETIVO ESPECÍFICO:

- Realizar busca na Biblioteca Nacional Digital de registros históricos que tenha ocorrência de cada armamento mais popular do Cangaço, sendo as seguintes armas: fuzil e pistola automática **Mauser**; fuzil e carabina **Comblain**; fuzil ou carabina **Mannlicher**; pistola **Luger Parabellum**; rifle **Winchester**; revólver **Smith & Wesson**; submetralhadora **Bergmann** e fuzil-metralhadora **Hotchkiss**.
- Fazer uma análise quantitativa das informações encontradas sobre os armamentos pesquisados no acervo de periódicos (Hemeroteca).
- Descrever como se deu o processo de distribuição do armamento contemporâneo, durante e depois do período do Cangaço.

2. BASE TEÓRICA

Na Arqueologia a cultura material é principal objeto de estudo de uma pesquisa que busca entender o processo social, cultural, político e religioso de um determinado grupo em suas instâncias e temporalidades. Segundo Anne Yentsh (1993), a cultura material é o coração da Arqueologia, ela é um agente ativo, na qual a história das pessoas é mantida e contada para sucessivas gerações.

Mas, na Arqueologia Histórica – no caso do Novo Mundo – a cultura material está intimamente entrelaçada com a escrita, tendo em vista que sobre as coisas e contextos estudados pelos arqueólogos podem existir relatos escritos sobre formas, funções, usos, datas e pessoas relacionadas a esses objetos concretos. Essa relação entre Arqueologia Histórica e documentos escritos não é novidade para nenhum arqueólogo. Figura entre as assertivas de um dos mais notórios livros sobre o tema no Brasil:

Na arqueologia histórica os documentos escritos são tão importantes quanto os artefatos e os edifícios. Sem dúvidas, uma das mais marcantes características da arqueologia histórica consiste na informação adicional que deriva da presença de documentos escritos (ORSER, 1992, p. 39).

O que propomos aqui não é algo inédito, mas vai um pouco mais além do que a necessária relação entre coisas e textos. A cultura material, nesta monografia é representada pelo armamento utilizados do Cangaço, que por sua vez é perceptível através dos documentos escritos. É algo similar com o que James Deetz faz com relação às menções dos utensílios, lápides ou as plantas das edificações das treze colônias norte-americanas (1997) mencionadas em inventários. Nosso trabalho também encontra pontos de contato com o de Mary Beaudry (1993), o qual utiliza as informações dos inventários para iniciar a abordagem arqueológica de utensílios cerâmicos mencionados nesses documentos.

De certa forma, como Anders Andrén (1998), buscamos romper a fronteira existente entre textos e artefatos desde a consolidação da Arqueologia como uma Ciência, mesmo que humana. O texto é também artefato; o artefato é igualmente texto.

Nesta monografia, no entanto, o texto funciona mais como um artefato, onde a *peça periódica* indica a arma *protagonista* da ação, a data e o local onde a ação ocorreu. Uma vez que as armas são objetos caros, retificáveis em caso de danos, relativamente escassos e controlados, elas não são descartadas como fragmentos de utensílios de louça, por exemplo. São comercializadas, trocadas, escondidas, cautelosamente armazenadas e, não raro, ao fim e

ao cabo de sua serventia são recolhidas a arsenais em razão de campanhas de desarmamento, obsolescência para o uso militar ou com o envolvimento em crimes. Formam acervos, mas não são encontradas em depósitos arqueológicos com frequência. Dessa forma, sua materialidade é tangível por meio de referências indiretas – as notícias e anúncios em periódicos – além do estudo de exemplares de coleções.

Falta ainda, nesta pesquisa, considerar qual é o tipo da notícia ou anúncio em foco, quem a escreve, quem a publica e sobre quem se refere, bem como qual é a afiliação econômico-política do periódico. É um trabalho muito mais quantitativo do que qualitativo, neste primeiro momento.

É importante ressaltar que o uso dos documentos escritos não transforma uma pesquisa arqueológica automaticamente em um subproduto da pesquisa histórica, por vezes considerada presunçosamente como a *verdadeira* pesquisa se o foco está nos registros gráficos. Os escritos são aqui encarados como fragmentos arqueológicos, demandando, assim, uma leitura das características materiais apresentadas para a construção da História através da Arqueologia.

As pesquisas desse plano de trabalho vêm sendo feitas em uma plataforma virtual chamada “Biblioteca Digital Nacional (Hemeroteca)”¹. Essa plataforma é uma das principais ferramentas de busca por documentos em jornais e revistas de ocorrências que aconteceram a algum tempo. A partir desses jornais e revistas que realizamos as buscas sobre os armamentos bélicos que perpassam pelo objetivo desse projeto de pesquisa. Sendo assim, a Hemeroteca é definida por ser um acervo composto de *clipping* de jornais e revistas de uma determinada temática onde é possível, através das buscas, encontrar registros de acontecimentos que foram publicados no passado não tão distante vista pelos olhos de um/uma arqueólogo/a (NETTO *et al.* 2014).

Para Netto et al. (2014), a Hemeroteca, enquanto fonte informacional, pode ser compreendida como uma fonte de informações acerca de recortes de um historicismo passado que se transformam em registros, apresentando através desses documentos uma realidade material vivida em sociedade.

¹ Plataforma Virtual da Hemeroteca. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acessado: 04 de setembro de 2018.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para essa monografia foi a construção do *corpus documental* da pesquisa através do levantamento de dados bibliográficos adquiridos nas pesquisas feitas na Biblioteca Digital Brasileira, isto é, o conjunto de todas as informações referente as armas contemporâneas do Nordeste brasileiro estão inseridas em uma tabela.

Além disso, foram realizadas análises e catalogação dos textos encontrados na própria Biblioteca Digital Brasileira (Hemeroteca), sendo estes documentos oficiais e notícias de jornais. É importante ressaltar que o uso da documentação da Hemeroteca como base nessa pesquisa arqueológica se torna algo necessário.

A pesquisa na hemeroteca compreende quatro elementos chaves de buscas: 1- Escolha do Período; 2- Escolha do Local; 3- Escolha do Periódico e 4- Escolha da Pesquisa. Portanto, discutiremos o primeiro elemento – inicialmente sendo a principal chave de pesquisa - que está relacionado ao critério *Escolha do Período*. Embora fosse interessante estabelecer um filtro temporal para a busca, o que de fato aconteceu no início da pesquisa (1890 a 1930), percebeu-se que essa ferramenta não funcionava muito bem e que acabava deixando registros importantes de fora. Assim, deixou-se o espaço de busca *em branco*, obtendo-se informações desde a década de 1880 até 1940, que por fim mostrou-se bastante significativo pois, a grande maioria das notícias sobre as armas que são principalmente de guerra, com exceção da Winchester e Smith&Wesson corresponde, *grosso modo*, ao auge do Cangaço.

Já o segundo elemento, *Escolha do Local*, está relacionado aos estados que foram escolhidos para compor a pesquisa; no caso todos os estados do Nordeste brasileiro, dentre eles o estado da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão. Levando isso em consideração, no primeiro ano do projeto de pesquisa as buscas foram iniciadas pelos estados da Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco, e no segundo ano deu-se continuidade as pesquisas dos periódicos dos estados de Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão, onde foram levantadas informações importantes sobre cada armamento em todos os periódicos disponibilizados pela Hemeroteca.

O terceiro elemento, *Escolha do Periódico*, corresponde a jornais, revistas, relatórios, dentre outros usados para a obtenção de informações. Não foi definido nenhum periódico específico a ser investigado e sim todos os que informassem sobre o uso dos armamentos naquele período.

No decorrer do texto irá aparecer muitas vezes a palavra composta “notícias publicadas” que se refere a uma generalização criada nesse trabalho para englobar todas os tipos de notícias, podendo ser um noticiário, relatório, artigo, notícia, anúncio, entre outras.

Por fim e não menos importante, o quarto elemento, *Escolha da Pesquisa*: o modelo de cada arma. Nesse campo de buscas são usados os modelos de armamentos mais comuns utilizados pelos cangaceiros, como o fuzil e pistola automática Mauser; fuzil Comblain; fuzil ou carabina Mannlicher; pistola Luger Parabellum; rifle Winchester; revólver Smith & Wesson; submetralhadora Bergmann; fuzil-metralhadora Hotchkiss. Menções a todas as armas citadas foram encontradas durante a pesquisa, com exceção da submetralhadora Bergmann que não apresentou informação em nenhum dos jornais pesquisados.

Para que fossem definidos os armamentos da busca, contamos com ajuda de uma plataforma virtual “*Armas Brasil*”². Nessa plataforma foi possível ter acesso a um breve histórico sobre as armas adotadas no Brasil, permitindo a identificação do período em que as mesmas chegaram ao país, municiando as forças armadas e depois as polícias. O uso civil dessas armas de guerra, por outro lado, só pôde ser compreendido a partir das peças periódicas, pois as armas, se de início não foram proibidas de serem comercializadas a civis, não foram plenamente liberadas, pois, justamente, eram armas para a guerra, não para a caça ou defesa pessoal. Assim, quem as possuía de forma privada poderia tê-las obtido através da compra formal ou no exitoso mercado paralelo – caso dos foras-da-lei. Após as campanhas de desarmamento, empreendidas depois da Coluna Prestes e, mais intensamente, com a Revolução de 1930, possuir uma arma de uso militar passou a ser considerado crime. Isto é, com o Decreto de N° 24.602 de 26 de julho de 1934, consumado no governo de Getúlio Vargas, fica proibida a instalação, no país, de fábricas civis destinadas ao fabrico de armas e munições de guerra (BRASIL, 1934).

Em seguida, criou-se uma tabela para organizar o montante de informações obtidas, tornando-se ela a principal ferramenta de trabalho. Seus campos são os seguintes: A- Palavra-Chave ou Escolha da Pesquisa; B- Nome do Periódico; C- Local de Publicação, ou seja, em qual estado brasileiro o periódico publicou a notícia; D- Cidade da Publicação do Jornal; E- Ano da Publicação; F- Data da Publicação; G- Página da Notícia Encontrada no Jornal; H- Tipo de Notícia (artigo, anúncio, noticiário, relatório, outros); I- Tipo de Arma 1 (pistola, mosquetão, carabina, fuzil, outros); J- Tipo de Arma 2, isto é, as vezes na notícia presente mais de um tipo

² Esta plataforma virtual é administrada pelo Historiador e estudioso de armas Adler Homero Fonseca de Castro. Disponível em: <www.armasbrasil.com/> . Acessado: 10 de janeiro de 2018.

de modelo da mesma arma; K- Tipo de Ocorrência (suicídio, acidente, roubo e/ou furto, assassinato, cangaço, forças armadas, policial e genérica, está última está relacionada todas as ocorrências que não se encaixam em nenhum dos citados anteriormente ou não é informado especificamente o uso da arma); L- Lugar de Ocorrência, ou seja, informa a cidade onde aparece a notícia da arma; M- Distrito/Povoado/Bairro; diante da coluna anterior, em algumas notícia, além de apresentar a cidade, há dados mais específicos do local onde a ocorrência foi registrada; N- Quantidade de Armamento; O- Nome da Embarcação; P- Tipo de Embarcação, esse tópico está associado qual tipo de embarcação que trouxe o armamento; Q- Porto de origem; R- Porto de Chegada; S e T- Referência Bibliográfica ou link do site pesquisado, juntamente com a imagem que destaca a notícia; U- Observações.

Abaixo apresentamos, a título de exemplificação, parte da tabela 1 com os principais tópicos, ou seja, aqueles que obtiveram melhores resultados.

Tabela 1 - Representação do *corpus documental* da pesquisa.

Palavra-chave	Nome do periódico	UF	Cidade de publicação	Ano	Data	Página	Tipo (artigo/anúncio/noticiário/...)	1 (pistola, carabina, mosquetão,...)	2 (pistola, carabina, mosquetão,...)	o e/ou furto, assassinato ou tenta	Lugar da ocorrência	Destrito/Povoado/Bairro	Quantidade de armamento	Referência bibliográfica ou link	Referência bibliográfica ou link
Mauser	A notícia	Bahia	Salvador	1914	14/12/1914	3	noticiário	Carabina		Governo	Recife			http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720160&PagFis=1580&Pesq=Mauser	
Mauser	A notícia	Bahia	Salvador	1915	28/05/1915	3	noticiário	Fuzil		Forças armadas	Salvador			http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720160&PagFis=1580&Pesq=Mauser	
Mauser	A notícia	Bahia	Salvador	1915	03/07/1915	2	noticiário	Carabina		Generica	Rio de Janeiro		100.000	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720160&PagFis=1580&Pesq=Mauser	
Mauser	A notícia	Bahia	Salvador	1915	03/08/1915	3	noticiário			Generica	Rio de Janeiro			http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720160&PagFis=1580&Pesq=Mauser	
Mauser	A notícia	Bahia	Salvador	1915	10/08/1915	1	noticiário	Fuzil 1908		Forças armadas	Salvador			http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720160&PagFis=1580&Pesq=Mauser	
Mauser	A notícia	Bahia	Salvador	1915	11/10/1915	5	noticiário	Fuzil 1895		Forças armadas	Rio de Janeiro		589.810	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720160&PagFis=1580&Pesq=Mauser	
Mauser	A notícia	Bahia	Salvador	1915	18/10/1915	2	noticiário	Fuzil 1908	Fuzil 1895 e Mosquetões	Forças armadas	Salvador			http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720160&PagFis=1580&Pesq=Mauser	
Mauser	A notícia	Bahia	Salvador	1915	20/10/1915	3	noticiário	Pistola		Acidental	Salvador	Graça		http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720160&PagFis=1919&Pesq=Mauser	
Mauser	A notícia	Bahia	Salvador	1915	20/12/1915	1	noticiário	Carabina		Generica	Salvador			http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720160&PagFis=1919&Pesq=Mauser	
Winchester	O Monitor	Bahia	Salvador	1881	28/10/1881	1	noticiário	Clavina		Forças armadas	Salvador			http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=704008&pesq=winchester	

Fonte: A autora (2018).

Por fim, criou-se também um quadro que apresenta a amostra dentro do universo de periódicos, um recorte quantitativo contendo todas as informações sobre os periódicos, páginas de periódico, ocorrências dos armamentos e a proporção de páginas por ocorrências em todos os jornais de cada estado do Nordeste.

Desse modo, existe o que chamamos de quantidades absolutas e quantidades relativas, em relação às absolutas está atrelado à quantidade de páginas de periódico de cada estado, ou seja, alguns estados aparecem com um número menor de páginas, já outros aparecem com uma quantidade maior de páginas dos periódicos.

Em referência à essa quantidade relativa, a segunda parte da observação feita em relação a essa quantidade absoluta, ou seja, o absoluto deve ser revisto se ponderarmos o índice de páginas por ocorrências encontradas. Para exemplificarmos as relações absolutas e relativas, podemos citar o caso do estado do Maranhão, que apresenta uma quantidade de páginas grandes e uma quantidade de ocorrência também grandes, assim, o Maranhão apresenta as quantidades absolutas mais altas.

Analisando o estado de Piauí que apresenta poucas quantidades de páginas e muitas ocorrências, sendo assim, é um estado com quantidades relativas mais altas, logo com as proporções maiores, nesse caso, surgiram algumas dúvidas acerca da análise do estado; seria um porto de chegada de armas? Por que as notícias sobre os armamentos interessavam tanto à imprensa local? E qual a importância das armas para o estado?

Segue o quadro 1 abaixo:

Estado	Quantidade de Periódico	Quantidade de páginas	Quantidade de Ocorrências	Qnt. Pag / ocorrência
AL	12	28.747	103	1/279
BA	23	77.187	105	1/735
CE	27	84.176	210	1/401
MA	19	264.590	572	1/463
PB	5	10.547	46	1/229
PE	1	124.859	497	1/251
PI	7	9.047	66	1/137
RN	7	132.818	134	1/991
SE	5	7.881	16	1/492
Total	106	739.852	1749	1/423
Quantidade final de ocorrências			1395	1/530

Quadro 1 - Amostra Quantitativa de Periódicos, nos quais constam ocorrências bélicas.

Fonte: A autora (2018).

Ao analisarmos o quadro, juntamente com as informações citadas anteriormente, percebeu-se que o resultado da amostra é desigual, principalmente se observarmos os dados referentes ao estado de Pernambuco, que apresentou nove periódicos com ocorrências de armas, mas apenas um periódico foi analisado, esse único periódico contém uma quantidade relevante de ocorrências para esse primeiro momento de pesquisa, desse modo, esse periódico de Pernambuco dispõe de um número de páginas superior, e uma quantidade de ocorrências grande, indicando assim, uma proporção alta de páginas por ocorrências, se comparado a outros estados. É importante ressaltar que apesar de termos analisados somente um periódico em Pernambuco, as pesquisas com esse estado continuam sendo realizadas, entretanto, serão apresentadas em um outro momento. É necessário frisar que mesmo com o quadro mostrando uma soma total de 1.749 ocorrências encontradas nos periódicos, esse número não é o resultado final da amostra, pelo fato de que algumas notícias publicadas são repetidas, e essas notícias não foram contabilizadas, assim como também existem notícias publicadas sobre uma determinada arma, que não faz referência ao Brasil, ou até mesmo a algum estado do Nordeste, região foco da pesquisa, desse modo, o resultado final da amostra é de 1.395 ocorrências relacionadas às notícias publicadas sobre os armamentos nos estados do Nordeste.

Os motivos pelos quais a amostra apresenta essa discrepância de periódicos e ocorrências de armamentos, se comparado a um estado e/ou outro, como citado anteriormente e observado no quadro, pode estar relacionado à diversos fatores, desde a questões ligadas à própria Hemeroteca, que mesmo tendo uma boa confiabilidade, apresenta um mecanismo de busca com alguns pequenos problemas, além disso, algumas notícias sobre as armas podem ter ficado de fora, devido as particularidades presentes no mecanismo de busca, pois o mesmo em diversas ocasiões não reconheceu determinadas palavras nos periódicos, e/ou no software da Biblioteca Digital.

Uma outra problemática está atrelada à condição em que se encontram os jornais, pois muitos deles estão danificados e possivelmente não houve digitalização e/ou até a microfilmagem, portanto, antes da criação desse modelo de preservação documental, muitos materiais podem ter sido perdidos por conta da durabilidade da celulose, e por consequência, possivelmente também, algumas páginas dos periódicos, na qual a análise dessa pesquisa perpassa, como cita a plataforma virtual da Biblioteca Nacional:

A partir de 1944, a Biblioteca Nacional adotou o processo de microfilmagem como um importante meio de preservação documental devido às suas características de durabilidade, longevidade e fidelidade aos conteúdos originais. Anos depois, em 1978 foi criado o Plano Nacional de

Microfilmagem de Periódicos Brasileiros, que tem como objetivo geral localizar, recuperar e preservar as coleções hemerográficas do Brasil (BIBLIOTECA NACIONAL).

Deve-se analisar um outro fator em relação aos problemas cronológicos e espaciais, como as notícias publicadas em anos e locais diferentes da sua ocorrência original, por exemplo, a informação fazer referência ao ano seguinte, e em outro estado do país, e não necessariamente no estado ou região onde foi publicada.

Ainda em relação as problemáticas, existem outros fatores que não estão diretamente associados a questões técnicas da plataforma, e sim a questões sociais, políticas e econômicas de cada estado, e sobre a quantidade de jornais que circulavam nesse período em cada estado, também há influência no resultado dos gráficos. Como podemos exemplificar através da figura 1, que trata muito bem as questões relacionadas ao movimento marítimo no Brasil, no caso a entrada e saída de materiais no porto. No ano de 1913, por exemplo, o estado de Sergipe teve um movimento de 163.133 toneladas de carga, enquanto Pernambuco teve 2.120.710 toneladas de cargas, ou seja, o estado pernambucano teve treze vezes mais cargas do que o estado de Sergipe.

Suponhamos que dentro dessas cargas havia material bélico, e que o uso desse armamento viraria notícia, nesse caso, o Estado de Pernambuco iria ter mais quantidade de notícias publicadas, se comparado à Sergipe, que apresentou uma quantidade de carga menor, entretanto, precisa-se em um segundo momento fazer uma análise qualitativa dos periódicos que publicaram as informações sobre cada armamento, para entender como funcionava a sociedade, o comércio, e as rotas de navegação, para que assim seja possível explicar qual a correlação que existe entre essas questões e os periódicos de cada estado.

- 40 -

Movimento marítimo no Brasil

Entradas e saídas de embarcações a vapor e a vela, nacionais e estrangeiras, reunidas, por Estados, em 1913 e 1918

ESTADOS	ENTRADAS				SAÍDAS			
	Número		Tonelagem		Número		Tonelagem	
	1913	1918	1913	1918	1913	1918	1913	1918
Território Federal	343	520	32.643	25.344	335	520	32.115	25.344
Amazonas	1.036	1.389	1.043.081	109.382	1.045	1.335	1.039.732	152.682
Pará	1.181	843	1.124.940	611.046	1.195	844	1.177.620	653.846
Maranhão	512	383	537.082	310.105	515	383	554.620	307.997
Piauí	327	112	61.954	12.235	327	112	61.954	12.235
Ceará	751	603	716.210	175.885	758	601	714.310	165.835
Rio Grande do Norte	940	1.181	551.711	537.733	940	1.181	551.711	537.733
Paraíba	338	300	143.081	275.823	334	300	143.081	275.823
Pernambuco	1.353	1.165	2.190.710	947.258	1.340	1.112	2.125.430	1.005.476
Alagoas	939	740	714.636	512.930	947	718	713.936	512.937
Sergipe	371	278	163.133	108.807	366	274	162.137	103.897
Bahia	2.157	1.166	3.189.545	1.150.045	2.171	1.179	3.187.491	1.155.021
Espírito Santo	1.677	1.202	924.251	454.948	1.691	1.201	929.223	453.120
Estado do Rio	1.593	1.222	167.110	108.997	1.533	1.222	167.110	108.997
Capital Federal	3.540	2.124	8.455.845	3.905.061	3.730	2.111	8.453.451	3.877.920
S. Paulo	2.723	1.578	5.280.013	1.931.930	2.757	1.569	5.208.581	1.915.581
Paraná	1.490	1.132	937.553	761.617	1.161	1.131	953.738	707.301
Santa Catharina	1.901	1.691	812.105	773.616	1.935	1.631	811.033	776.409
Rio Grande do Sul	3.320	3.181	1.449.458	941.251	3.327	3.193	1.391.192	939.917
Matto Grosso	319	318	103.650	106.801	310	318	103.650	106.801
Total geral	27.782	21.801	29.170.250	11.516.230	27.865	21.815	29.201.302	11.550.197
<i>Resumo</i>								
Brasileiras :								
a vapor	15.162	11.235	10.022.773	9.508.918	15.216	11.225	10.031.205	9.516.637
a vela	5.713	4.673	251.495	192.529	5.734	4.673	251.410	182.802
Total	20.905	18.908	10.314.918	9.691.449	20.970	15.902	10.315.621	9.723.339
Estrangeiras :								
a vapor	6.325	2.438	18.471.220	4.126.115	6.331	2.457	18.501.920	4.430.321
a vela	552	470	355.071	89.609	581	456	353.752	370.964
Total	6.877	2.908	18.826.291	4.215.724	6.915	2.913	18.855.672	4.801.285
Total a vapor	21.487	16.653	28.533.993	13.915.033	21.553	16.630	28.535.121	14.027.031
Total a vela	6.265	5.143	606.966	571.197	6.315	5.133	603.171	553.166
Total geral	27.752	21.801	29.170.250	11.516.230	27.868	21.815	29.201.302	14.580.197

Confronto semelhante ao anterior se faz nos quadros a seguir que se referem ao movimento marítimo nos annos de 1917 e 1918.

3.1. CLASSIFICAÇÃO DOS ARMAMENTOS

No decorrer das descrições dos armamentos, serão apresentados alguns termos mais utilizados para a classificação de cada arma; como por exemplo: carabina, clavina, espingarda, mosquetão, pistola, revolver, fuzil e rifle. Sendo assim, para melhor entendimento e contextualização, será feita uma pequena introdução das características dessas classificações que muitas vezes confundem o leitor por parecerem sinônimos. Podemos citar como exemplo dessas semelhanças que causam desorientação quando não compreendidas, as carabinas e as clavinas; os fuzis e os rifles.

Segundo a plataforma virtual “Armas Brasil”, as carabinas podem ser classificadas conforme armas mais leves e de cano mais curtos em relação os fuzis, sendo bastante utilizadas pelos caçadores e pela infantaria ligeira. No século XIX, as carabinas eram um armamento ideal na infantaria por terem cerca de 1,8m de comprimento com baioneta. Além disso, as carabinas apresentam cano de alma raiada; essa forma helicoidal tem por finalidade imprimir movimento de rotação nos projéteis produzindo um melhor resultado no que diz respeito à estabilidade e precisão do disparo (Tocandira)³.

Já as clavinas podem ser definidas como armas de fogo longas, com comprimento próximo ou inferior a um metro, normalmente possuindo um gancho ou argola no lado esquerdo, para prendê-las na sela do cavaleiro. Usadas por homens a cavalo, normalmente não têm baioneta (ALVES, 2013). De certa forma, as clavinas eram comumente conhecidas ou associadas às espingardas, sendo essas armas mais longas e tradicionais da infantaria pesada, utilizadas pelos fuzileiros e na cavalaria (ARMAS BRASIL).

Nas obras “Grande Sertão: Veredas” e “Os Sertões”, de autoria, respectivamente de Guimarães Rosa e Euclides da Cunha, no decorrer das páginas encontramos com frequência o termo “Lazarina” (Termo usado para designar mulher comprida e magra, originalmente). Tal nomenclatura significa carabina, palavra da qual derivam *clavina*, *carabinote* e *clavinote*; entretanto, na confusão dos termos, passam também a designar armas cuja operação caracteriza a espingarda – arma longa de alma lisa que em funcionamento típico dispara bagos múltiplos; segundo alguns autores ‘clavina’ indicaria carabina sem encaixe para baioneta (CUNHA, 2001, p. 216).

³ Informação retirada de <http://blog.tocandira.com.br/diferenca-entre-escopeta-espingarda-carabina-e-fuzil>. Acesso em 02 de abril de 2018

Em relação a espingarda, é definida pelo Decreto Nº 3.665, de 20 de novembro de 2000, como “arma de fogo portátil, de cano longo com alma lisa, isto é, não-raiada” (art 3ª, inciso XLIX). O mosquetão por sua, pelo mesmo decreto, é determinado como um “fuzil pequeno, de emprego militar, maior que uma carabina, de repetição por ação de ferrolho montado no mecanismo da culatra, acionado pelo atirador por meio da sua alavanca de manejo” (art 3ª, inciso LXIII). Já a pistola é “arma de fogo de porte, geralmente semi-automática, cuja única câmara faz parte do corpo do cano e cujo carregador, quando em posição fixa, mantém os cartuchos em fila e os apresenta sequencialmente para o carregamento inicial e após cada disparo” (art 3ª, inciso LXVIII).

O revólver, entretanto, é entendido por ser arma de fogo de porte, de repetição, dotada de um cilindro giratório posicionado atrás do cano, que serve de carregador, o qual contém perfurações paralelas e equidistantes do seu eixo e que recebem a munição, servindo de câmara (BRASIL, 2000).

Por fim e não menos importante, o fuzil e o rifle são nomenclaturas que se referem a mesma arma, porém o fuzil é de origem francesa, enquanto o rifle é uma palavra de língua inglesa. Ambas podem ser definidas como “arma de fogo portátil, de cano longo e cuja alma do cano é raiada” (BRASIL, 2000). A diferença do fuzil para a carabina está no tamanho do cano, o fuzil é maior em relação a carabina.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As pesquisas realizadas na Hemeroteca a respeito das armas, somam um total de mil trezentos e noventa e cinco (1395) notícias publicadas, distribuídas em todos os estados do Nordeste: Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão e Piauí.

A partir das inúmeras de informações adquiridas ao longo desses anos de pesquisas, foi possível criar diferentes gráficos, os quais apresentaram resultados bastantes significativos sobre a quantidade de notícias publicadas pelo ano de publicação de cada armamento, sendo assim, entendemos cada gráfico através da cultura material e do tempo.

Levando em consideração essas informações, os resultados retirados dos gráficos apresentam três momentos históricos em que há um grande consumo dessas armas no país; o primeiro momento é no ano de 1897, onde existe uma quantidade de armas Comblain, Mauser e Mannlicher sendo utilizadas na Guerra de Canudos, localizado no interior da Bahia.

O segundo momento é marcado por dois fatores relevantes, um de cunho nacional, no caso a Revolta de Juazeiro que ocorreu no Sertão Nordestino em 1914; e o outro de cunho internacional, a Primeira Guerra Mundial que começou no ano de 1914 e terminou em 1918. Os gráficos mostram um grande uso das armas desde 1909 até 1919, entretanto, há uma queda brusca no ano de 1917, podendo estar relacionada a vários fatores, inclusive a entrada do Brasil na Guerra.

O terceiro momento é marcado pelas notícias mais recentes, que iniciam em 1922 com uma grande quantidade de dados, mas logo em seguida começam a apresentar um declínio de informações, e a partir de 1932 até 1940 apresenta um pico tem com um declínio maior, mostrando o pouco uso das armas nesse período. A ocorrência de arma que mais aparece nesse período é a Mauser, as restantes aparecem em poucas quantidades. É importante mencionar que esse período foi um momento em que o Cangaço esteve no auge dos muitos conflitos com o Nordeste, onde ocorreu também o processo de desarmamento promulgado pelo Governo Vargas.

As armas escolhidas na metodologia da pesquisa são armamentos que estiveram presentes no período do Cangaço, desses artefatos, os que chegaram ao Brasil tiveram dois locais de origem: origem norte americana e europeia, vindo dessa última uma grande quantidade

de armas alemãs que estiveram presentes durante os conflitos da Primeira Guerra Mundial. A maioria das armas que adentraram no Brasil, entraram afim de substituir antigos armamentos, assim como suprir as necessidades do Governo com conflitos nacionais, como também para munir o exército brasileiro.

Através das notícias levantadas durante as pesquisas, foram elaborados diferentes gráficos com os resultados obtidos sobre cada armamento, desta forma, existem dois gráficos de porcentagem sobre as notícias publicadas, um referente à quantidade de cada armamento encontrado durante toda a pesquisa e o outro sobre a quantidade de armas encontradas em cada periódico do estado do Nordeste.

Os outros gráficos mostram os resultados das notícias publicadas que foram encontradas em todos os periódicos selecionados para a pesquisa sobre cada arma e a descrição das mesmas, sendo um gráfico da arma Comblain, um gráfico da arma Winchester, um gráfico da arma Mannlicher, um gráfico da arma Smith&Wesson, um gráfico com as armas Parabellum e Hotchkiss que apresentaram poucas notícias publicadas em relação aos demais armamentos.

Em relação a arma Mauser, existem dois gráficos, o primeiro que mostra a diferença da Mauser no Nordeste em relação a todas as armas, e o segundo gráfico apresenta a discrepância entre os dados da Mauser que foram encontradas no periódico do estado de Pernambuco em relação a todas as armas. Além desses gráficos, existem o “Gráfico com todos os armamentos”, sendo que cada linha no gráfico representa um armamento diferente, e tem também existe outro gráfico correspondentes aos “Armamentos no Nordeste”, que contém todas as armas juntas em uma única linha.

Todas as informações encontradas durante os dois anos de pesquisas resultaram em um total de dez gráficos, e para complemento das informações criou-se um mapa do estado de Pernambuco afim de compreender como se deu o processo de distribuição da arma Mauser no próprio estado.

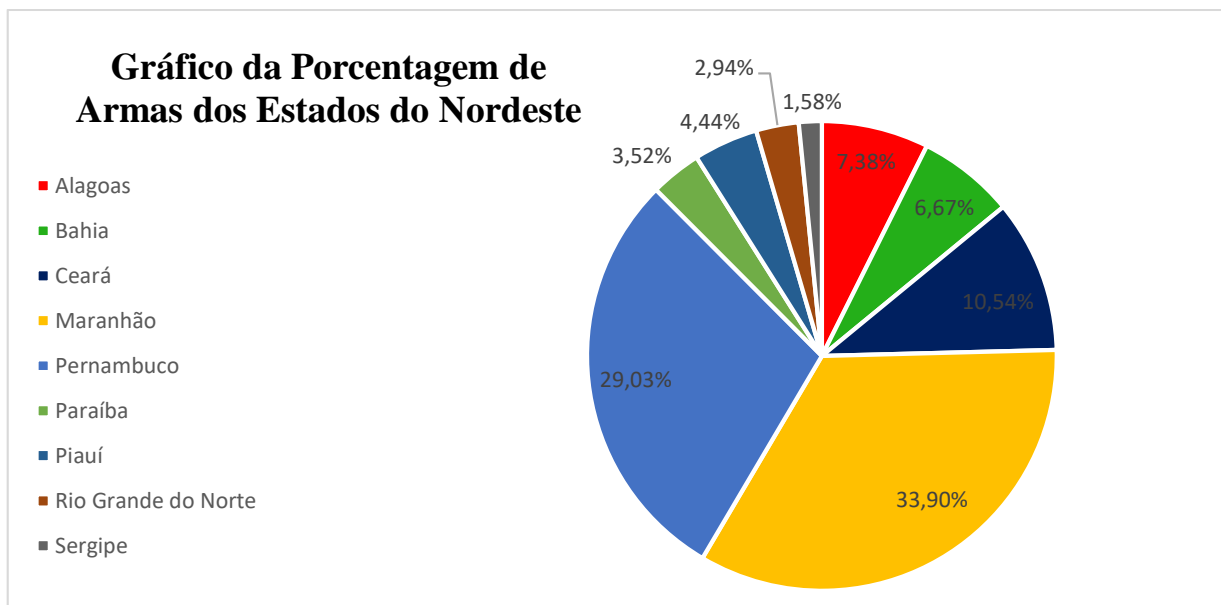


Gráfico 1 - Gráfico da Porcentagem de Ocorrência de Armas em Periódicos do Nordeste.

Fonte: A autora (2018).

O primeiro gráfico de porcentagem está relacionado a quantidade de notícias publicadas nos periódicos de cada estado do Nordeste sobre os armamentos que foram selecionadas para a pesquisa. A partir da análise do gráfico foi possível aferir que existem dois estados que aparecem com uma grande porcentagem, sendo o estado do Maranhão com 33,90% e o estado de Pernambuco com 29,03%, contudo, é importante ressaltar que o levantamento foi realizado em apenas um periódico pelo fato que o mesmo apresentou uma quantidade de notícias suficiente para esse primeiro momento da pesquisa. Ainda de acordo com análise do gráfico, os demais estados indicaram uma pequena porcentagem, dentre eles o estado do Ceará com 10,54%, o estado de Alagoas com 7,38%, o estado da Bahia com 6,67%, o estado de Piauí com 4,44%, o estado da Paraíba com 3,52%, o estado do Rio Grande do Norte com 2,94% e o estado de Sergipe apresentando a menor porcentagem de notícias publicadas com 1,58%.

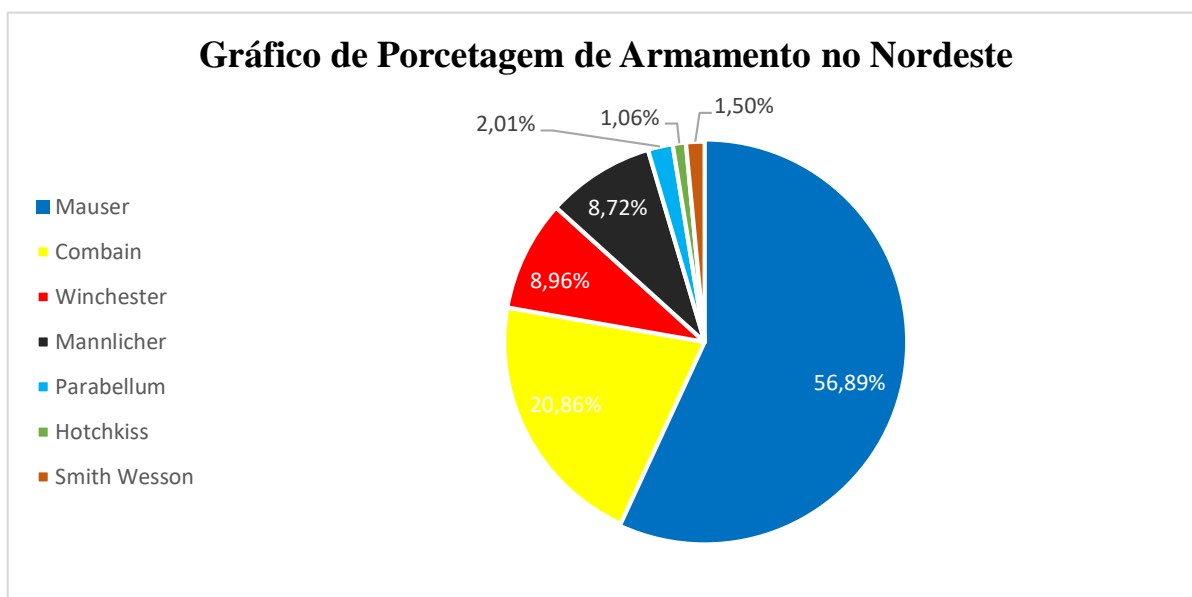


Gráfico 2 - Gráfico de Porcetagem de Ocorrência de Armamentos no Nordeste.

Fonte: A autora (2018).

Esse segundo gráfico de porcentagem está relacionado à quantidade de armamento encontrados nos periódicos dos estados do Nordeste, desta forma, a partir da observação do gráfico foi possível perceber que o armamento que aparece em grande escala é representado pela Mauser com 56,89%, depois vem a Comblain com 20,86%, a Winchester com 8,96%, a Mannlicher com 8,72%, a Parabellum com 2,01%, a Smith&Wesson com 1,50% e a Hotchkiss com 1,06%.

Em comparação aos demais armamentos, fica evidente que a Mauser foi a arma que apresentou a maior porcentagem, devido aos contratos que o Governo brasileiro firmou com o Governo alemão. Houve então uma grande aceitação desse armamento no país, devido também a grande disponibilidade do mesmo, tendo a sua produção ocorrida antes, durante e depois da Primeira Guerra Mundial.

Outro armamento que apresentou boa porcentagem de notícias publicadas assim como a Mauser que também uma grande aceitação, foi a Comblain, principalmente no processo da abolição da escravatura e durante a Guerra de Canudos, porém, no início do século XX, a Comblain começou a ser substituída por outros armamentos, inclusive pela própria Mauser.

Os armamentos Winchester e Mannlicher aparecem com a porcentagem muito próximas, a diferença entre elas é diminuta, a Winchester foi um armamento muito utilizado nos conflitos que aconteceram na região Sul do país, entretanto, sua importância no Nordeste

foi imperativa. Já a Mannlicher teve uma atuação mais expressiva na Guerra de Canudos, alimentando o pico do gráfico do ano de 1897.

Em relação aos outros três armamentos que aparecem com poucas notícias publicadas, duas deles são armas norte americanas, no caso a Hotchkiss e a Smith&Wesson. Esta última não é um armamento de guerra, a Parabellum foi um dos armamentos mais utilizados pelas cangaceiras e cangaceiros, já a Hotchkiss era um armamento de uso do exército, o que consistia em uma cultura material bélica de uso incomum que circulavam com maior facilidade dentre a sociedade. No entanto, apenas o modelo Smith&Wesson é o mais recente quando relacionado com os armamentos citados anteriormente.

Diante de todas as informações, o próximo gráfico inserido nesse texto, contextualizar, de uma maneira geral, esse longo período do Cangaço, que perdurou por sete décadas. O gráfico 3 apresenta a quantidade de notícias publicadas referentes à todas as armas encontradas ao longo dos levantamentos nos periódicos de todos os estados do Nordeste, destarte, são possíveis perceber que existem três picos, um bem destacado, e os outros dois em datas bem parecidas, mas que merecem ser analisadas em seus diferentes contextos históricos (Ver o gráfico 3).

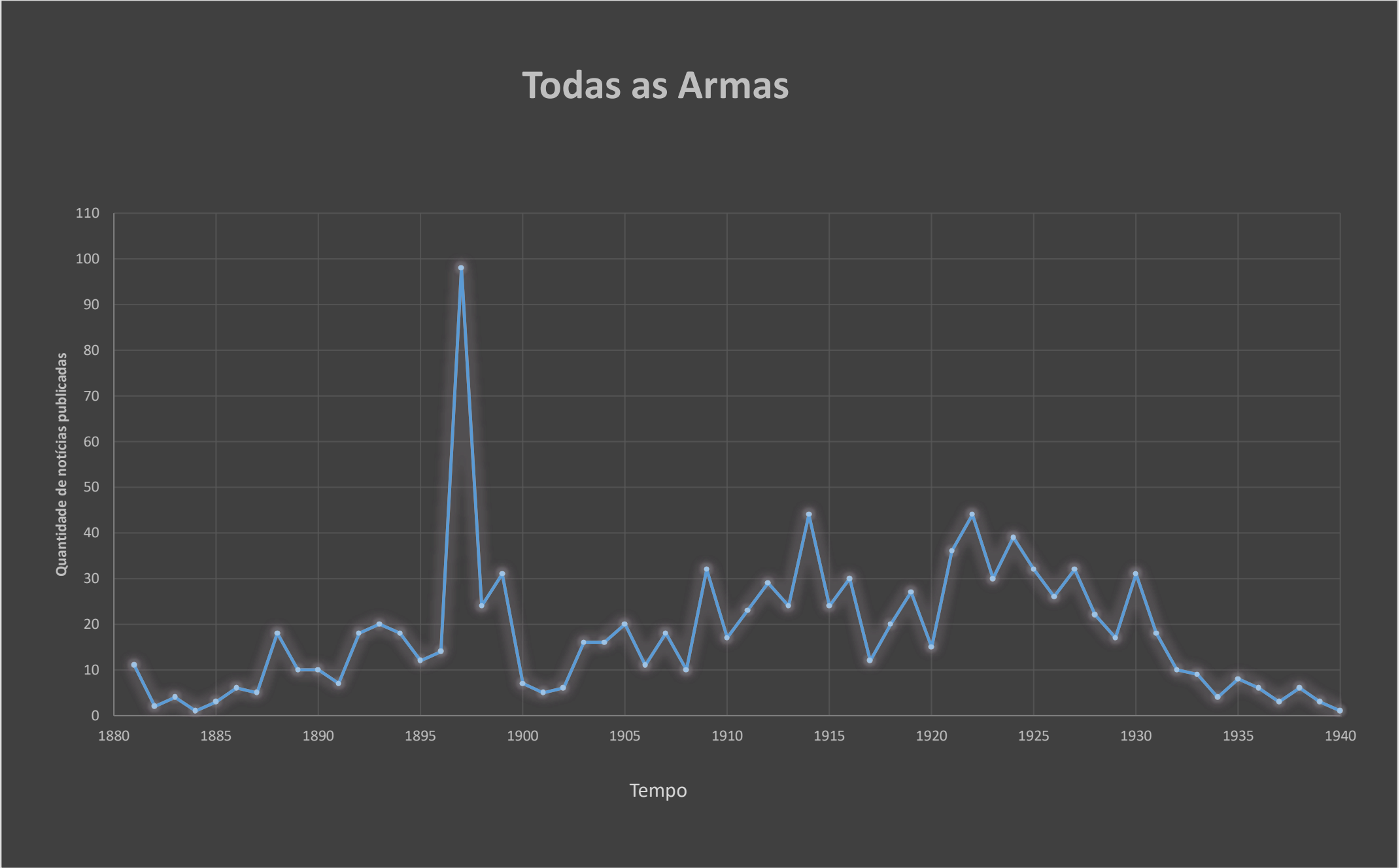


Gráfico 3 - Gráfico contendo Todas as Ocorrências de Armas.

Fonte: A autora (2018)

O primeiro pico de 1897 indica uma quantidade considerável de notícias publicadas sobre os armamentos a serem abordados no gráfico, com 98 notícias publicadas, sendo que a ocorrência de arma que mais apresentou informações foi Mannlicher com 40 notícias, em seguida a Mauser com 29 notícias publicadas, a Comblain com 23 notícias publicadas, e com apenas seis notícias a Winchester. As notícias estão distribuídas em maior quantidade no estado do Maranhão com 22 notícias, do Ceará com 21 notícias, da Paraíba com 18 notícias, de Alagoas com 16 notícias, de Pernambuco com 10 notícias, do Rio Grande do Norte com 6 notícias e por fim, a Bahia com 5 notícias.

O ano de 1897 é historicamente conhecido pela Guerra de Canudos que aconteceu no sertão baiano, destarte, grande parte das notícias publicadas encontradas nos periódicos, relatam que as armas estavam efetivamente em uso durante a Guerra de Canudos, apresentando uma relação entre as notícias e o uso da arma.

A Guerra de Canudos foi um acontecimento histórico de maior resistência à opressão dos grandes proprietários rurais, ocorrida nos anos de 1896 e 1897, período este em que o Brasil passava por situações delicadas e marcadas pela República recém-instaurada.

Localizado no interior do estado da Bahia, a comunidade de Canudos foi palco de quatro confrontos entre a forças policiais, soldados, e o Exército da República contra a população de índios mestiçados, caboclos, sertanejos, jagunços, cangaceiros e os religiosos que viviam naquela região.

Diante de tantos combates entre as forças policiais e a população de Canudos, as forças militares foram derrotadas sucessivas vezes, principalmente no terceiro combate, que ficou marcado pela morte do comandante da expedição Moreira César, a partir disso, o Governo Federal, liderado por Prudente de Moraes envia à Canudos quatro expedições com a quantidade de 1/3 do Exército brasileiro, munidos com 18 canhões, que se submeteram a constante bombardeio. A derrota era, portanto, inevitável diante daquela força, o povoado de Canudos com seus 20.000 a 30.000 habitantes, entre os quais milhares de idosos, mulheres e crianças foram mortos. (BANDEIRA, 1996).

A memória advinda do episódio de Canudos, foi o estopim para o topocídio (destruição intencional de marcos paisagísticos simbólicos) autorizado pelo Governo Brasileiro naquele período, resultando assim na submersão assentamento.

Como já evidenciamos, o gráfico anterior aponta um segundo pico que contém uma grande quantidade de notícias entre o ano de 1914 e 1916 resultando na soma de 98 armas, onde

estão distribuídas em maior parte no estado de Pernambuco e Maranhão, e em menor parte na Bahia. As armas que compõe essa quantidade de notícia são: a Comblain com 10 notícias; Winchester com 5 notícias; Mannlicher com duas notícias e a Mauser em maior quantidade com 80 notícias.

É perceptível que o pico apresentado nesse período é causado principalmente pela arma Mauser, esse fato está relacionado tanto ao contrato que o Governo Brasileiro fez com a empresa D.W.M afim de adquirir mais armamentos, como também está relacionado ao início da Primeira Guerra Mundial e da Revolta de Juazeiro, ambos os fatores aconteceram em 1914.

A Revolta de Juazeiro, ou também conhecida como Sedição de Juazeiro, foi uma revolta de caráter popular, liderada pelo padre Romão Batista e pelo médico e político Floro Bartolomeu da Costa, ocorrida no sertão do Nordeste brasileiro, especificamente na cidade de Juazeiro do Norte por volta de 1914.

Os motivos que levaram à Revolta, iniciaram-se em 1912 através de algumas desacordos e disputas de poder entre os coronéis daquela região do Vale do Cariri, no Ceará. A principal causa desse combate sucedeu pelo fato de que os coronéis não estavam satisfeitos com a interferência do Governo Federal, em querer diminuir o poder das oligarquias locais, com isso, o ataque a cidade de Juazeiro, deu-se em 24 de janeiro de 1914, havendo sessenta praças de polícias ali estacionados, e de um grupo de populares da heroica resistência (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 106).

Durante os anos de 1914 a 1918, ocorreu o que é chamado hoje de a Primeira Guerra Mundial, que naquele período foi denominada como a Grande Guerra, a qual teve como participantes as principais potências Europeias.

A chave para entender o princípio da Primeira Guerra Mundial é o Imperialismo, essa guerra foi resultado da grande expansão colonial-imperialista do século XIX, sobretudo uma luta por colônias e áreas de influência entre as grandes potências europeias (CAMPOS, 1893), sendo essas potências da Europa, Grã-Bretanha, Alemanha, Império Austro-Húngaro, Império Russo, Império Otomano, Itália, França, estavam lutando pelo controle mundial com acordos para manter o interesse de todos, formando consequentemente blocos polarizados de poder, preocupados com o avanço dos domínios uns dos outros.

Somam-se à essas informações questões referentes sobre a Revolução Industrial que essas potências tinham em relação à produção de recursos industriais e tecnológicos, de um lado formou-se a Tríplice Aliança composta pela Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália,

(esse número iria aumentar no decorrer da guerra), e o outro bloco seria a Tríplice Entente, formada pela Grã-Bretanha, França e Rússia, inicialmente esses blocos tinham interesses divergentes.

O estopim da guerra foi o assassinato do Arquiduque Francisco Ferdinando, em 28 de junho de 1914, com o desdobramento do acontecimento o império Austro-Húngaro, declarou guerra à Sérvia, devemos ressaltar que a Europa estava um “barril de pólvora” esperando por esse acontecimento, com a declaração de guerra do império Austro-Húngaro à Sérvia, sendo aliada, a Rússia a última recebe tropas de apoio. Contudo, a Alemanha observando o que estavam fazendo com sua aliada, o Império Austro-Húngaro declarou guerra à Rússia, logo em seguida a França e a Grã-Bretanha declararam guerra à Alemanha e seus aliados, deu-se então início à Primeira Guerra Mundial. Essa Guerra era inevitável!

A Revolução Russa ocorrida em 1917 também teve um papel importante, tirando um aliado importante da Tríplice Entente e dando a Alemanha tranquilidade para batalhar em uma única frente na Europa. Com a saída da Rússia da Guerra e os conflitos em terra cada vez mais precários e estáticos, a Alemanha contou com uma nova estratégia de combate e defesa, só que dessa vez configurando-se no mar, onde aconteceu a Batalha Naval da Jutlândia.

A Marinha Alemã obteve uma vitória tática (pelas perdas materiais e humanas infligidas à Inglaterra), mas sofreu uma derrota estratégica (pela incapacidade de doravante enfrentar a Marinha Britânica num combate franco), recolheu-se aos seus portos, e limitou-se a operar no Mar Báltico, recorreu à arma submarina como inovação tática e surpresa estratégica (MENDONÇA, 2008).

É no mar, e com as rotas marítimas comerciais que percebemos o quanto a Guerra estava afetando a economia mundial, ainda mais no que diz respeito aos países que estavam em conflitos, no qual gerou-se uma forte queda na produção industrial, levando os Estados Unidos, que a princípio era um país neutro, a se favorecer comercializando produtos para diversos países na Europa, e fora dela, fato que não agradou o Governo Alemão, que não satisfeito com tal situação, declarou guerra submarina aos Estados Unidos.

Segundo o historiador e estudioso da Primeira Guerra Mundial, Valterian Braga Mendonça, diz que:

Assim como os Estados Unidos, o Brasil também procurou, a princípio, manter-se neutro com relação ao conflito na Europa. Porém, os Estados Unidos romperam relações diplomáticas com a Alemanha em face dos prejuízos que a guerra submarina irrestrita causaria aos seus negócios. O

presidente Wenceslau Brás, em conferência com o ministro Lauro Müller, expressou que o Brasil, “em qualquer evento” relativo ao conflito europeu apoiaria a ação dos Estados Unidos” (MENDONÇA, 2008).

Segundo Carlos Daróz (2016), autor do livro “O Brasil na Primeira Guerra Mundial: a longa travessia”, apesar da neutralidade do país, a guerra não tardou chegar às águas costeiras do Brasil, já que desde o início da Guerra o mesmo estava sendo afetado economicamente por não exportar os produtos, o café, e a borracha, para os seus principais parceiros comerciantes, os quais estavam envolvidos diretamente nos conflitos.

Sofrendo com o panorama social e econômico, com o bloqueio marítimo imposto pela Alemanha, com os três navios afundados (Paraná, Tijuca e Lapa), por submarinos alemães, e principalmente com o torpedeamento do vapor Macau em 18 de outubro de 1917, o Brasil também deixa de ser um país neutro, se alia aos países da Tríplice Entente, e declara guerra à Alemanha em 26 outubro de 1917, logo após a guerra declarada aos Estados Unidos em 06 de abril de 1917, e quando os mesmos firmam relações diplomáticas.

A entrada do Estados Unidos trouxe um grande material humano e bélico que foi um ponto crucial para a virada e a vitória da Tríplice Entente, com a derrota da Alemanha e seus aliados em 1918, teve o acordo de rendição que seria conhecido como o Tratado de Versalhes, que colocou várias taxações no aporte militar alemão e principalmente na economia, levando uma Alemanha ora poderosa à um país totalmente quebrado e fragmentado socialmente.

Em relação ao terceiro pico, ele é destacado no ano de 1922 por apresentar a maior quantidade de notícias publicadas em relação a todos os anos aqui descritos, contendo 44 ocorrências de armamentos com apenas três tipos de armas, sendo 2 Comblain, 2 Winchester e todas as outras 40 Mausers.

Além disso, todas as menções encontradas no periódico do estado de Pernambuco, referentes às armas, informam que os tipos de ocorrência das notícias publicadas variam entre genérica, acidental, furto, assassinato, suicídio, até notícia policial e de governo, isto significa que as armas não estão sendo usadas apenas por policiais, mas também por pessoas comuns, que muitas vezes não sabem manuseá-las adequadamente.

Esse fato é decorrente da grande disponibilidade de armas no mercado depois do fim da Primeira Guerra Mundial, quando a Alemanha sai como culpada por causar a guerra e também cheia de dívidas, precisando se reerguer da crise em que se encontrava. A solução, então, para esse problema, é retomar e fazer novos acordos com os países para poder

comercializar o que produzia de melhor, nesse caso, o material bélico. Foi com esse sentido que Alemanha e Brasil voltaram a criar laços comerciais, firmando novos contratos com as empresas bélicas.

É notório que no início da década de 1920 até a década de 1930 os picos dos gráficos apresentam uma quantidade considerável de notícias publicadas sobre os armamentos, isso acontece justamente no momento em que os índices de violência no Nordeste crescem devido à chegada da Coluna Prestes, e ao crescimento do número de armas nos bandos dos cangaceiros, destarte, esse período é marcado principalmente no Nordeste, pela entrada de Lampião no Cangaço.

O Cangaço, diferentemente do que muitos pensam, não surgiu com Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, conhecido como a figura lendária do Cangaço, e nem mesmo com a presença dos dois bandidos do litoral nordestino, o Cabeleira e o Antônio Silvino (MELLO, 2014), entretanto, esses foram cangaceiros que deixaram suas marcas em inúmeros feitos que são continuamente registrados nas obras literárias – Guimarães Rosa; Jorge Amado; Graciliano Ramos –, nos filmes, documentários e outros.

Para alguns autores, como Antônio Alan Dantas de Menezes apud PERICÁS (2012), desde o século XVII eram frequentes os relatos de ações de bandos armados promovendo assaltos e saques na região, principalmente nos estados de Pernambuco e da Bahia, porém, é no século XVIII que surge a primeira figura de um cangaceiro, o Cabeleira (MENEZES, 2012, p.15). É só mais tarde, em meados do século XIX, até as quatro primeiras décadas do século XX com os cangaceiros Antônio Silvino e Lampião, que ambos entraram no cangaço impulsionados por motivos muito semelhantes, como a morte de seus pais, que precisava ser vingada (MACHADO, 1974), para Maria Christina Russi da Matta Machado (1969, p.34), “foi no sangue da vingança que nasceu o *cangaceiro*”.

Em relação à denominação “Cangaço”, temos informações que essa nomenclatura deriva de palavra canga, que é uma peça de madeira colocada no gado para fins de transporte, sendo assim, “cangaceiro” pode ser entendido como todo homem que levava nas costas os seus pertences, atravessado sobre o peito uma arma de fogo, assim, nota-se que Cangaço é um grupo (bando) de pessoas que andavam armadas pelo sertão nordestino. Entretanto, a definição de Cangaço abrange outros espaços, entendimentos e significados, como explica Frederico Pernambucano de Mello (1974), ao mostrar o cangaço como um instrumento de vingança, e ainda complementa dizendo que existem três tipos de cangaço, marcado pelo que ele mesmo

chama de banditismo rural, sendo eles: o Cangaço de Vingança, Cangaço-Refúgio e o Cangaço Rapina⁴, este último aparece com maior frequência e expressão criminal dentro do Cangaço.

Outros autores fazem referências a um Cangaço de banditismo social que remota aos tempos coloniais do monopólio da terra e da monocultura escravista, onde as populações sertanejas ficaram à mercê do discernimento dos fazendeiros (LEITE, 2000), desse modo, o cangaço aqui é interpretado como um movimento de revolta social em prol dessa massa sertaneja empobrecida, isto é, uma rebeldia contra as injustiças do sertão (PERICÁS, 2015).

O Cangaço é esse conjunto de coisas, definições, interpretações, atores, lugares, que estão atrelados à múltiplos fatores, e cada fator é interligado entre si, sendo estes ligados às questões ambientais e espaciais, tendo acontecido no Sertão nordestino, com a forte presença da seca. Há fatores sociais, econômicos e políticos associados às questões voltadas para o coronelismo, à própria figura Lampião em meio à todas essas situações que podem estar atreladas e/ou não ao banditismo social, também há fatores relacionados à cultura material, ou seja, os objetos utilizados pelos cangaceiros e pelas cangaceiras que configuram o personagem e a pessoa Cangaço. Esses objetos falam por si só, falam por eles, falam deles, as vestes (Chapéu, roupa, calçados), as fragrâncias, e os armamentos, os quais expressavam a bravura, a elegância, e o poderio do cangaceiro. Há ainda fatores cronológicos que perpassam pelas discussões sobre quando começou o cangaço, qual o período da sua existência e atuação.

Aproveitando o ensejo cronológico que retomamos no período a qual essa pesquisa perpassa, entre o final do século XIX e início do século XX, período em que temos um maior número de bandos de cangaceiros atuando simultaneamente nas diversas regiões do Nordeste, onde surgem os principais chefes cangaceiros, além de ser o período em que Lampião mais espalhou medo e admiração pelo sertão, com sua titulação de “Rei do Cangaço” (LEITE, 2000).

O Cangaço, basicamente se configura com a chegada de Lampião ao movimento do banditismo, onde o mesmo trouxe consigo suas façanhas, vinganças, independências, brutalidades, armamentos, e inúmeros conflitos por todo sertão nordestino. Além do mais,

⁴ CANGAÇO DE RAPINA OU CANGAÇO-MEIO DE VIDA – Tipo de maior frequência e expressão como modalidade criminal dentro do quadro geral do cangaço nordestino. Teve como principais representantes Lampião e Antônio Silvino.

CANGAÇO DE VINGANÇA - Tipo de ocorrência relativamente menos frequente, muito embora as suas características de banditismo sertanejamente ético tenham conferido à imagem genérica do cangaço grande destaque, especialmente literário. Seus, principais representantes foram Jesuíno Brilhante e Sinhô Pereira.

CANGAÇO-REFÚGIO - Tipo de pouquíssima expressão. Diferentemente dos tipos anteriores, esta modalidade se caracteriza pela riqueza de sua estratégia defensiva. Como representante, poderíamos apontar o cangaceiro Angelo Roque, na fase inicial, puramente defensiva, em que manteve grupo próprio, e naquela imediatamente posterior à sua adesão ao grupo de Lampião.

trouxe consigo também a admiração que tinha por Padre Cícero, quem lhe-deu muitas gratificações, principalmente armamentos e a patente de “Capitão”.

Marianne L. Wiesebron (1994, p. 123), em seu artigo “Um século de comércio de armas da Bélgica para o Brasil: 1830-1930” menciona alguns trechos sobre Lampião, um deles relata acerca da “doação mais famosa ocorreu em 1926, quando Lampião recebeu a patente de capitão, uniformes, armas e munição de Padre Cícero Romão Batista. A intenção do Padre era que Lampião deixasse o cangaço e combatesse, legalmente, a Coluna Prestes”.

Apesar desse fato, Lampião não batalhou contra a Coluna, porém, depois da patente ficou oficializado o que todo mundo já sabia, que Lampião era o “cangaceiro justiceiro” do Sertão, entretanto, esse auge em que estava vivendo o Rei do Cangaço não iria se prolongar por muito tempo, pois de acordo com Machado:

Com as modificações ocorridas em termos nacionais e regionais, provocando abalo no comportamento do coronel; com as transformações que se operam em termos de política, no campo e, ainda, a maior influência exercida pelo Poder Central no sertão, o cangaço teve de sofrer, forçosamente, um retrocesso que o levou mais tarde ao seu término (MACHADO, pag. 242).

A partir disso, na década de 1930 se instaura o governo de Getúlio Vargas e a política do desarmamento no Brasil, o que dificultou a acessibilidade de compras e repasses de armas para o Cangaço, em associação entre esse período com os picos do gráfico é possível perceber que os mesmos começam a apresentar uma gradativa queda de notícias publicadas sobre os armamentos.

Segundo Guilherme Lira Bahé Cavalcanti Pinto (2018), tal decisão foi apresentada em 6 de julho de 1934, impulsionado e inspirado pelas revoluções de 1930 e 1932. Esse período ficou marcado pelo surgimento do R-105, um dos maiores empecilhos no que diz respeito ao direito de defesa no Brasil. Para tanto, em vez de ser um viés pacifista ou de segurança, passa a ser mais controlador, ou seja, busca evitar manifestações populares em um período de exceção.

Levando isso em consideração, questiona-se a existência de alguma relação entre o fim do Cangaço (que) e o início de um governo ditador instaurado por Getúlio Vargas, durante a Nova República, reiterando que o Cangaço foi um movimento de resistência nordestina contra as más condições de vida no Sertão, contra as crises políticas e econômicas causadas pelas ações de poderio coronelista em favor da exploração da população mais humilde e precária, durante toda a República Oligárquica, destarte, por que o movimento cangaceiro não deu seguimento mesmo com a morte de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião?

O gráfico 4 foi inserido nesse artigo para que o leitor possa perceber, separadamente como cada ocorrência de arma se comporta diante desse longo período de tempo, que inicia em 1880 e vai até 1940, diante disto, estão presentes todos os armamentos que apresentaram uma grande porcentagem de notícias sobre suas respectivas armas, e todas elas juntas sendo representadas pela linha preta.

A linha azul contém as notícias publicadas sobre a arma Comblain, que surge como uma das armas mais antigas encontradas na pesquisa, representadas por três notícias publicadas no ano de 1881 informando que o armamento está sob poder policial, logo depois, aparecendo em maior quantidade em 1897, por conta da Guerra de Canudos. A última notícia desse armamento aparece uma vez no ano de 1938, no periódico do Maranhão com informações voltadas ainda para o período de Canudos.

A Winchester representada pela linha vermelha é a segunda arma que apresenta a notícia mais antiga, encontrada no jornal da Bahia e do Maranhão, são três clavinhas pertencentes às forças armadas. Em 1927 ela aparece em maior quantidade, com cinco notícias no estado da Paraíba, uma notícia na Bahia e uma em Pernambuco, e com uma última informação no Maranhão no ano de 1938. Em comparação com os outros armamentos, a Winchester é a arma que contém menos notícias publicadas.

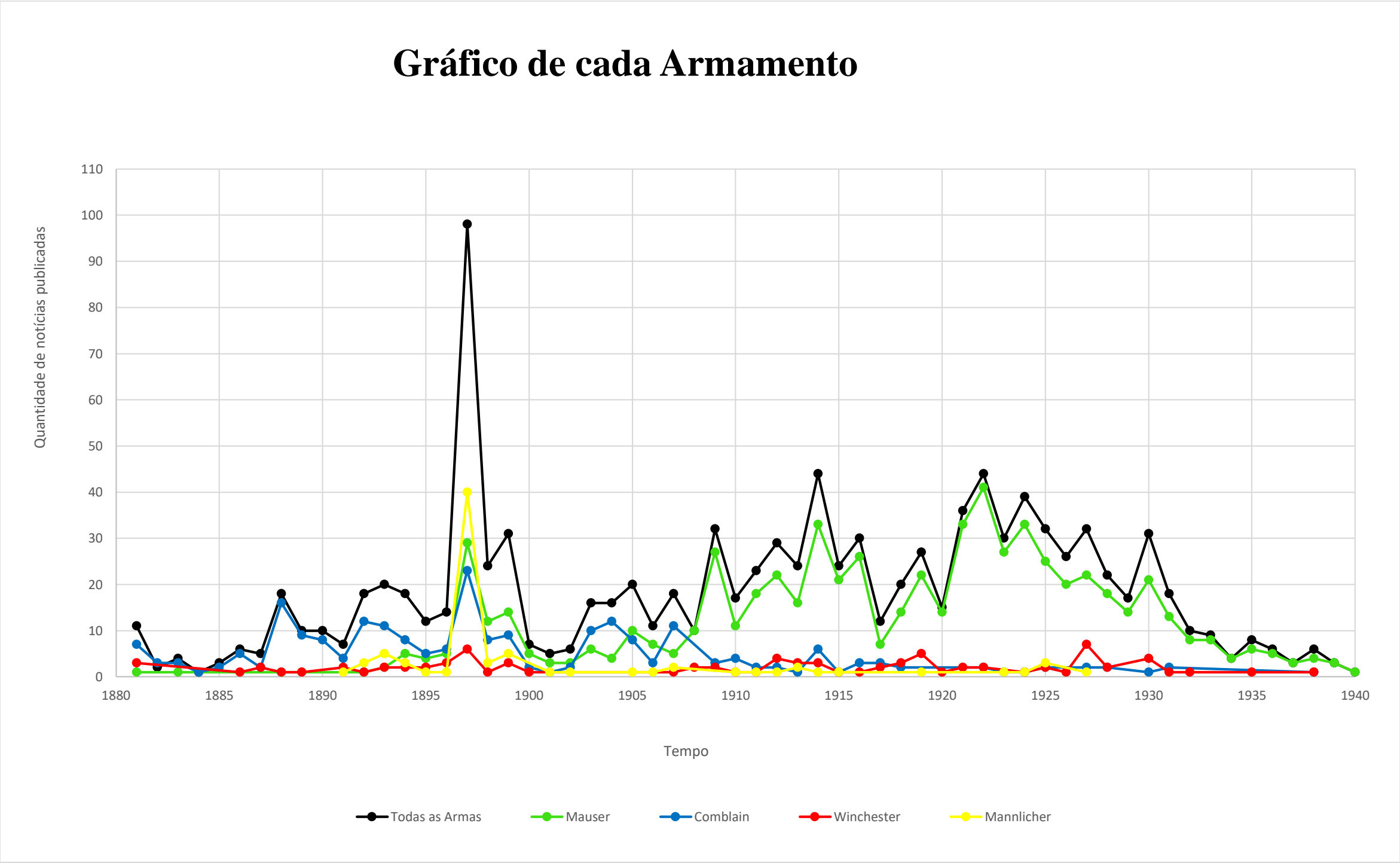


Gráfico 4 - Gráfico de cada Armamento.

Fonte: A autora (2018).

O armamento Mannlicher destaca-se como sendo o mais citado nos periódicos de 1897, fato que está vinculado à Guerra de Canudos, que foi marcada no mesmo ano no estado da Bahia, fazendo com que a maioria das informações sejam advindas de periódicos localizados no mesmo estado, especificamente de regiões próximas a Canudos. A última notícia conhecida aparece no ano de 1927, também no periódico do estado da Paraíba.

A linha em verde representada no gráfico tem todas as notícias encontradas sobre a Mauser, sendo a primeira notícia publicada do ano de 1881, informando que a arma está sob uso da polícia. Logo em seguida, no ano de 1897 ela aparece em grande quantidade com vinte e nove e notícias publicadas relacionadas a Canudos. No período que inicia em 1908 até 1940 indica que a Mauser tem uma forte influência em relação a linha preta que corresponde a todas as armas, ou seja, é a partir de 1908 que a Mauser se torna a arma mais utilizadas no país.

4.1. DESCRIÇÃO DOS TIPOS DE ARMAS

4.1.1. Comblain

A primeira arma a ser discutida será a Comblain⁵, que é um armamento de patente Belga – modelo 1873 – que se manteve na história do Brasil por um longo período, havendo pequenas modificações nas características dos diferentes *Modelos Brasileiros* das armas.



Figura 2 - Carabina Comblain modelo 2. Fonte: Armas Brasil. Disponível em: <http://www.armasbrasil.com/SecXIX/declinio/ArmasFogo/comblain_modelo_2.htm>. Acessado em 8/2/2018.

Regulamentada no Exército Brasileiro no ano de 1873, o modelo Comblain (**Figura 2**) continuou a ser a arma regulamentar da infantaria do Império até 1892, quando começou a ser substituída pelo modelo Mannlicher. No entanto, ainda teria sido usada durante a Revolução Federalista, a Revolta da Armada e a Guerra de Canudos (ARMAS BRASIL). Além desses, a Comblain também foi uma carabina usada pelos cangaceiros no século XIX, o mais famoso dessa época Jesuíno Brilhante (WIESEBRON, 1994, p. 124).

O modelo *Comblain Brasileiro* continha algumas características peculiares, segundo Armas Brasil. Tais características seriam bastante simples, como exemplo do bloco da culatra, que era móvel e descia verticalmente em um trilho quando a alavanca de armar era puxada para baixo; isso abria a câmara e permitia a introdução de um cartucho. Outra característica

⁵ Durante a pesquisa é possível encontrar dois tipos de nomenclaturas para derivar a mesma palavra, sendo elas “Comblain” e “Comblain”, porém a forma mais correta de uso dessa nomenclatura é “Camblain”. Provavelmente essa confusão nos nomes pode estar relacionada a ortografia do período e na forma de pronunciar.

particular da Comblain, era que a alavanca de armar servia também como guarda-mato. Havia também a canaleta de madeira que isolava o cano da arma, evitando queimaduras nas mãos dos atiradores.

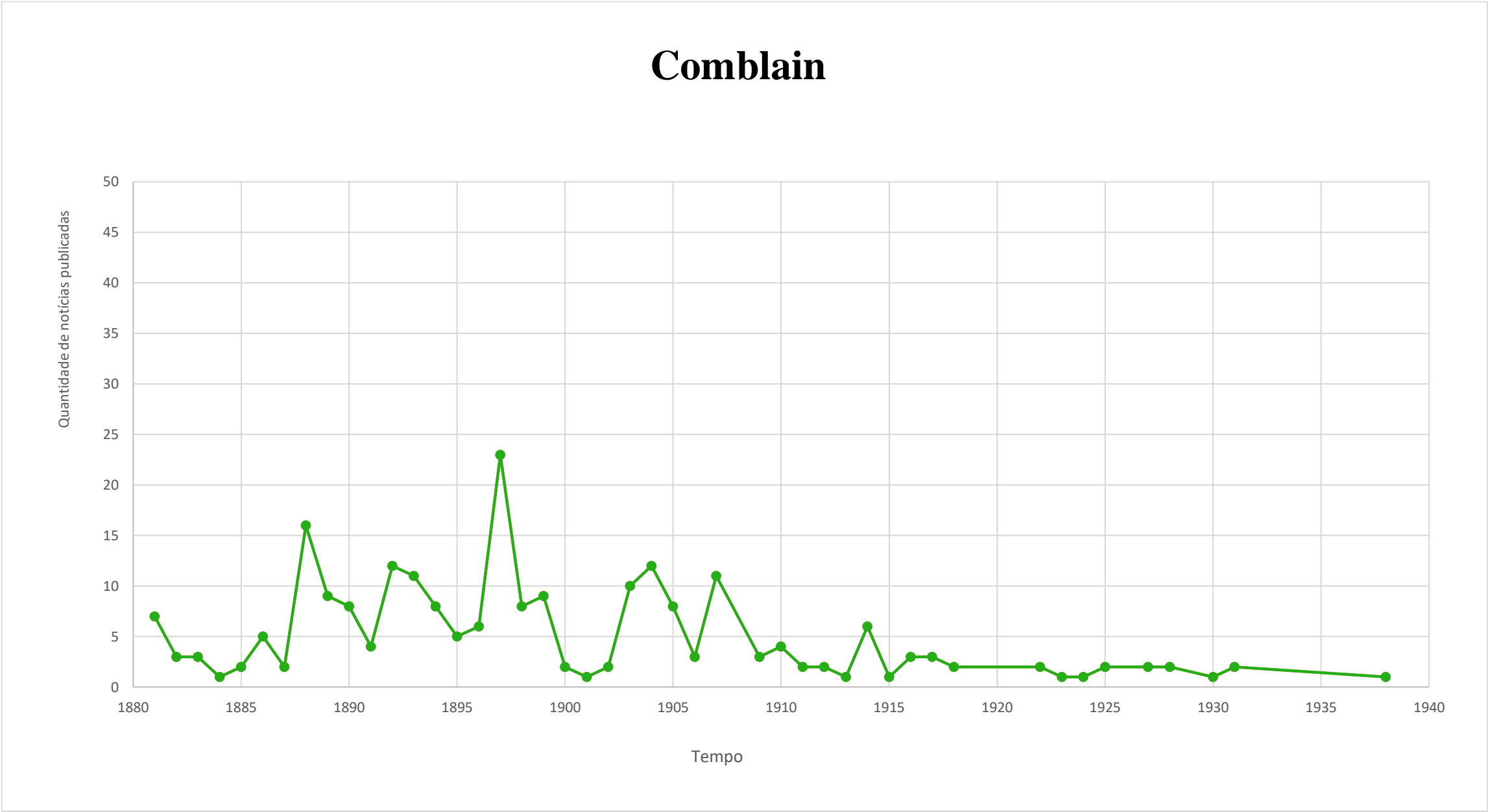


Gráfico 5 - Arma Comblain.

Fonte: A autora (2018).

O Gráfico 5 representa uma amostra de informações adquiridas ao longo das pesquisas sobre o armamento Comblain, é possível perceber que as primeiras notícias do uso do modelo Comblain surgiram no ano de 1881, período em que esse armamento está chegando ao país. Existem três picos consideráveis para serem analisados: o primeiro no ano de 1888, momento em que se tem um marco nacional na história do país, pois é quando a Princesa Isabel sancionava a Lei Áurea, que em dois artigos dizia: “É declarada extinta a escravidão no Brasil” (BIBLIOTECA NACIONAL, 1988), contudo as informações levantaram dezesseis notícias publicadas ao ano de 1888.

É de conhecimento comum que a abolição da escravidão foi um processo longo e duradouro, no qual aconteceram vários episódios em favor da liberdade, para assim ser de fato consumado em 13 de maio de 1888, evidentemente, depois desse ocorrido, a sociedade nunca viu antes a presença de tantos negros ‘livres’, tantos negros ‘donos de si’, sem obrigações de serventia aos seus antigos senhores, entretanto, a partir desse fato, levantam-se grandes questionamentos: Teria a sociedade burguesa medo dos negros se revoltarem e gerar conflitos mais violentos? Esses conflitos poderiam desenvolver uma revolução? Essa sociedade estava preparada para se proteger belicamente?

O segundo pico, no ano de 1897, com vinte e três notícias encontradas nos periódicos, sendo cinco no estado de Alagoas, uma na Bahia, quatro no Ceará, seis no Maranhão, cinco na Paraíba, uma em Pernambuco e uma no Rio Grande do Norte. Nesse caso o uso dessa arma está relacionado diretamente à Guerra de Canudos, que ocorre nos anos de 1896 e 1897. De forma qualitativa, as notícias, de fato, informam que tal armamento está sendo direcionado e/ou em uso em Canudos (Figura 3). O segundo pico, no ano de 1903 e 1904 é ainda reflexo desse processo, pois grande parte das notícias publicadas aparecem no estado da Bahia, local em que aconteceu a Guerra de Canudos.

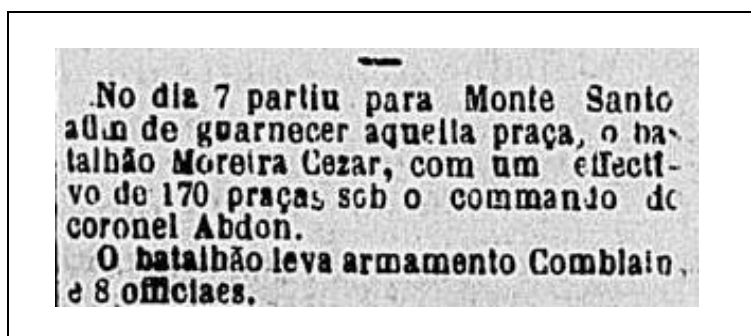


Figura 3 - Notícia sobre o uso do armamento Comblain em Canudos. Data: 18/07/1897.
Fonte: Hemeroteca. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=>>>.

4.1.2. Winchester

A arma Winchester tem seu nome derivado do norte-americano Oliver Winchester, que desenvolveu o modelo em 1866, a fim de substituir o rifle Henry, tornando-se um sucesso não só nos Estados Unidos, como também nos demais países da Europa e América do Sul. No Brasil, a Winchester foi utilizada como uma solução de emergência que acabou se tornando definitiva, já que a fábrica da Spencer – umas das principais armas que foram usadas na Guerra do Paraguai – tinha falido e as novas armas não estavam disponíveis no mercado norte-americano, levando a compra de clavinhas Winchester (ARMAS BRASIL). Existem cinco modelos da Winchester em solo brasileiro, dentre eles: Modelo 1872; Modelo 1872/76; Modelo 1874; Modelo 1874/76 e Modelo 1892 (**Figura 5**), sendo essa última encontrada com maior frequência no país.

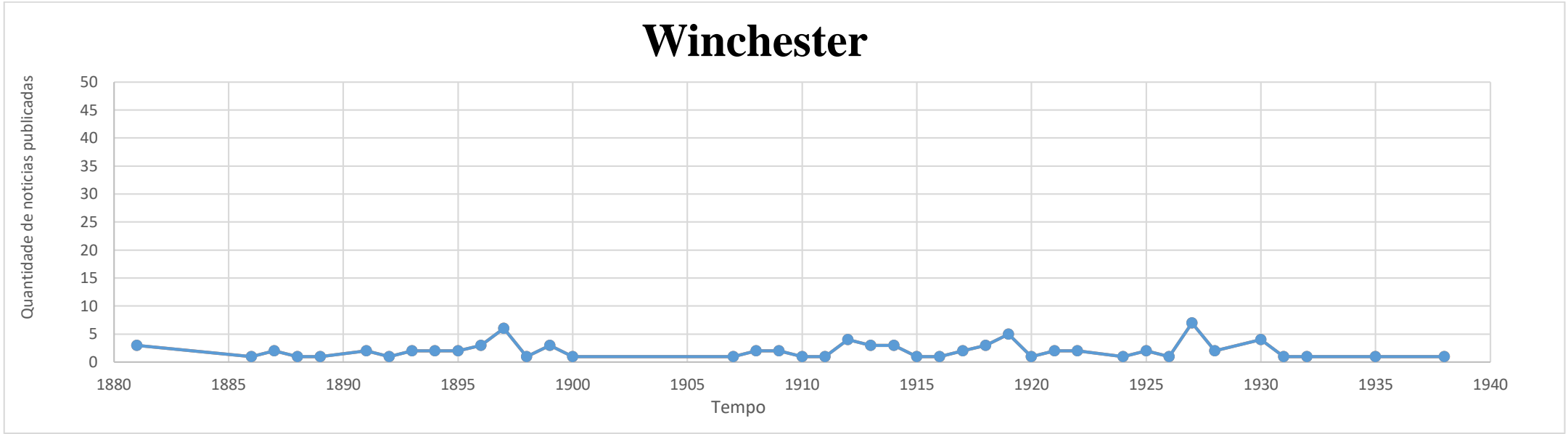


Gráfico 6 - Arma Winchester. Fonte: A Autora (2018).

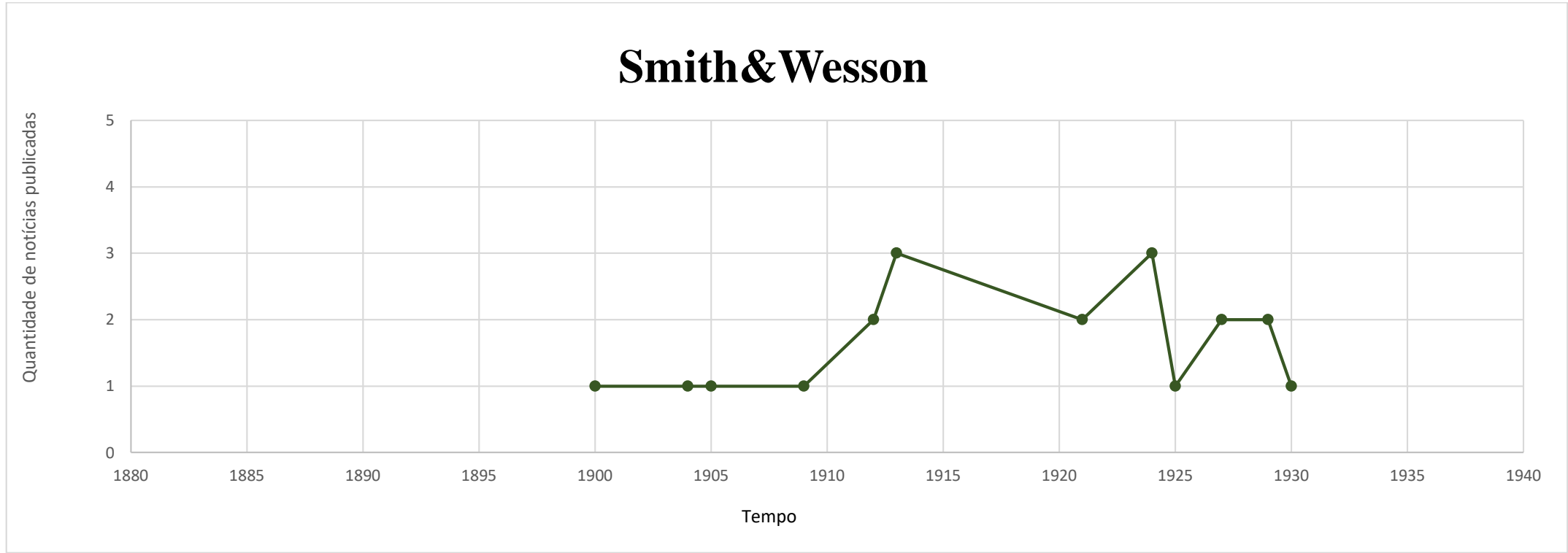


Gráfico 7 - Arma Smith&Wesson. Fonte: A autora (2018).



Figura 4 - Carabina Winchester, 1892. Fonte: Armas On-line. Disponível em: <<https://armasonline.org/armas-on-line/os-rifles-e-carabinas-winchester-de-acao-por-alavanca/>>. Acessado em 8/2/2018.

Nos relatórios do governo da Bahia é possível encontrar menções acerca da necessidade de compra do armamento (**Figura 6**). Entretanto, foi uma arma que não obteve muito sucesso em todo o país se comparado a outros armamentos da época, pois a carabina era muito delicada para uso militar, a manutenção era complicada, além de não possuir boa qualidade de estanqueidade em relação à sujeira, lama e poeira. O cartucho padrão do Exército de ouropel também suscitava alguns problemas, a arma não tinha um mecanismo que aceitasse bem os cartuchos feitos no Brasil, fomentando uma recusa do seu uso (NETO, 2013).

União trata de substituir pelo o do systema Mamelincher. Não comportando o Estado semelhante despeza, póde-se ao menos fazer-se aquisição de 600 ou 700 destas carabinas para armar-se a força da Capital, ficando o do systema Chuchú para as praças destacadas no interior. Tambem é de urgente necessidade fazer-se aquisição de 50 clavinias Winchester para armar as 50 praças da secção de cavallaria; ter-se soldados mal armados, sem instrucção alguma, é preferivel não tel-os. O governo estadual, presentemente, só póde contar com a sua milicia. O pessoal da secção acha-se quasi todo elle desarmado, nem espadas temos, como já vos communiquei, pedindo autorisação para contractar trinta.

Figura 5 - Notícia do Jornal Relatório do Governo da Bahia. Data: Fonte: Hemeroteca. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720887x&PagFis=48&Pesq=Winchester>>. Acessado em: 10 de janeiro de 2017.

De acordo com o **Gráfico 6**, a primeira menção da Winchester se dá no ano de 1881, com duas armas encontradas no estado da Bahia relacionadas às forças armadas e uma no estado do Maranhão também relacionada às forças armadas. O ano de 1897 faz referência a seis notícias publicadas, de maneira qualitativa grande parte das informações está relacionada a Guerra de Canudos. Em seguida, logo após o ano de 1912, temos quatro notícias publicadas divididas entre os estados de Alagoas e Bahia, sendo o ano em que o país adquiriu uma quantidade relevante de Winchesters (NETO, 2013). De acordo com o Armas Brasil, os

primeiros modelos de Winchester – 1873, 1874 e 1876 – foram importados irregularmente para o Brasil, podendo ser esse um indicador acerca da pouca quantidade de notícias sobre esse armamento nos periódicos.

No ano de 1927, o armamento Winchester aparece com sete notícias publicadas, sendo uma notícia no estado da Bahia, uma no estado da Paraíba e cinco no estado do Maranhão, tornando-se um dos picos com mais informações sobre acerca desse armamento.

Popularmente conhecida, principalmente no Cangaço, como Rifle de “Papo Amarelo”, a Winchester modelo 1873 foi bastante utilizada por Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, o “Rei do Cangaço”. Segundo os ditos populares contam que o apelido “Lampião” se deu pelo fato dele ter muita habilidade na utilização desse material bélico, era tantos disparos nos combates noturnos que a arma fazia um clarão em sua volta, como se fosse um lampião (MUNDO DAS ARMAS).

Apesar de não ser uma arma de sucesso devido às suas questões técnicas e também não ser uma arma de guerra, a Winchester, como citado anteriormente, foi patenteada nas décadas de 60 e 70, é uma das armas mais antigas dentre as citadas nessa monografia, e foi um armamento popular, que qualquer pessoa conseguiria comprar nos comércios, sendo muito utilizadas no Nordeste e principalmente pelos cangaceiros antes da chegada da Mauser, pós Primeira Guerra Mundial. Desse modo, como esse armamento tão pouco referenciado, visto que houve uma grande difusão do mesmo na sociedade devido a sua facilidade de acesso? Por que a representação das notícias publicadas tem uma quantidade insignificante em relação ao índice popular da arma? Há pouca quantidade de notícias acerca do armamento está relacionado com o fato da sua grande popularidade, consequentemente a perda do seu valor simbólico para os periódicos?

No capítulo “As Muitas Mortes de um Rei Vesgo”, do livro “Guerreiros do Sol: Violência e Banditismo no Nordeste do Brasil”, de Frederico Pernambuco de Mello, evidencia a importância desse armamento nessa época para os bandos, antes do uso dos fuzis e mosquetões Mauser, e o quanto a Winchester era difundida no comércio:

Desde pelo menos um ano antes, o bandido procurava obter por qualquer meio estas armas, sem abandonar as velhas carabinas Winchester, de munição disponível no comércio, inclusive o sertanejo. Tanto o calibre 44-40 quanto o 32-20, igualmente empregado. Ao tempo em que o bando usava os vários tipos dessas legendárias carabinas, imortalizadas por terem figurado como arma principal ao longo de boa parte da epopeia histórica da conquista do Oeste norte-americano, Lampião preferia pessoalmente a de *cruzeta* (...) (MELLO, 2014).

4.1.3. Smith & Wesson

Horace Smith e Daniel B. Wesson foram dois norte-americanos que fundaram uma fábrica de armamento chamada Smith & Wesson, uma das marcas de armas mais conhecidas do mundo. No decorrer dos anos vários modelos de armamentos foram criados; dentre os primeiros estão o revólver de sete tiros, calibre 22; o revólver *Model 3 American* (calibre 44); e o famoso revólver calibre 38 (**Figura 7**).



Figura 6 - Smith & Wesson .38 SPL e um coldre de couro, 1911. Fonte: Armas On-line. Disponível em: <<https://armasonline.org/armas-on-line/armas-curtas-na-ii-guerra-mundial/>>. Acessado em 8/2/2018.

Além desses, existe também o calibre 38 *SPECIAL*, que se tornou uma das armas mais conhecidas mundialmente e muito utilizada pelas forças policiais em vários países (NETO, 2011).

O Gráfico 7 deixa claro a pouca ocorrência de notícias sobre o armamento Smith & Wesson nos jornais do Nordeste brasileiro. A pesquisa mostra que essas armas estão presentes em todos os estados, menos no estado de Sergipe e Rio Grande do Norte, com informações relacionadas ao governo e à polícia, estando acompanhadas de outros armamentos, como a Winchester e a Mauser.

As poucas ocorrências dessa arma podem ser justificadas pela falta de grandes contratos de compras firmados com a empresa Smith & Wesson, no período da Primeira Guerra Mundial. Só depois, em 1937, as Forças Armadas do Brasil fecham um contrato de compra de 25.000 armas com a Smith & Wesson. Por outro lado, a simples menção a “revólver”, nas

notícias, pode estar associada a essa arma específica. Isso, contudo, é de difícil mensuração, constituindo apenas uma hipótese.

4.1.4. Mannlicher

O Fuzil Alemão modelo 1888 ou Mannlicher ⁶(**Figura 8**), como é chamada nos manuais do exército brasileiro, não foi desenhada pelo austríaco Ferdinand Ritter von Mannlicher, como se acredita, mas sendo fruto dos trabalhos de uma comissão alemã de 1888, que reuniu detalhes de diversas armas existentes, para criação da mesma. É interessante observar que é o primeiro armamento que aparece com o nome fuzil, daí sua importância em diferentes aspectos, principalmente por ser a arma de repetição de uso geral da infantaria brasileira, a primeira que usava cartuchos de pólvora sem fumaça, de alta velocidade inicial, e a primeira de calibre reduzido (ARMAS BRASIL).

Carabina Mannlicher	
Dados técnicos:	
Calibre:	7,92 x57 mm
Comprimento:	124,5 cm
Peso:	4,4 kg
Raias:	4 a direita
Alcance útil:	500 m
Alça de mira:	250 a 2.050 m
Carregador:	5 cartuchos
Cadência de fogo (útil):	22 tiros por minuto
Cadência de fogo (max):	40 tiros por minuto
Velocidade inicial:	646 m/s




Figura 7 - Uma carabina Mannlicher, modelo 1888. Fonte: Armas On-line. Disponível em: <http://www.armasbrasil.com/SecXIX/declinio/ArmasFogo/mannlicher.htm>. Acessado em 8/2/2018.

A Mannlicher foi um armamento que chegou por volta de 1892 a fim de substituir as carabinas Comblain, as clavinhas Winchester e Spencer. Após a utilização da Mannlicher nos combates, começaram a surgir problemas causados pelo grande acúmulo de poeira, escape de

⁶ Em relação a nomenclatura da palavra Mannlicher, em que as menções nas notícias dos periódicos se dá em duas maneiras como “Manulicher” e “Mannlicher”. Apesar das diferentes pronuncias, a nomenclatura oficial do armamento é Mannlicher, mesmo sabendo que tal armamento é denominado por esse nome no Brasil, em outros países é conhecido de Fuzil G88.

gases, dentre outros estorvos gerados. No entanto, esse armamento teve uma participação muito importante nas lutas da Guerra de Canudos, juntamente com a Comblain e a Mauser.

No entanto, esse armamento de grande excelência durante a Guerra de Canudos não estendeu seu grande uso durante os anos seguintes, como pode ser observado no gráfico 8. Isto é justificado pelo fato de ser uma arma alemã, produzida na mesma fábrica da Mauser e por ser um modelo, na qual teve sua versão melhorada na própria Mauser, deixando de ser produzida e oficialmente substituída por conta do sucesso desse novo modelo da Mauser 1898.

No caso do Brasil, a Mannlicher já estava sendo substituída pelo primeiro modelo Mauser 1895 que consequentemente substituída pela Mauser 1898 que chega no país em 1908. O G88 foi desaparecendo gradativamente no decorrer na Primeira Guerra Mundial. Além disso, um outro motivo pelo qual esse armamento desaparece é que as carabinas Comblain era muito superior em termos de balística, precisão, cadência de tiro e potência em relação a Mannlicher (NETO, 2009).

O Gráfico 8 se destaca pela quantidade de notícias publicadas no ano de 1897. Entretanto, existem dois picos a se considerar, ambos têm relação com os acontecimentos históricos que ocorriam no país. O primeiro pico, no ano 1893, aparecem quatro notícias publicadas da Mannlicher no estado da Bahia e uma no estado do Ceará, indicando a chegada desse armamento no Brasil, que acontece no ano de 1892, onde o uso desse armamento é feito exclusivamente por policiais. O segundo pico marcado no ano 1897, com quarenta notícias publicadas relacionadas, especificamente a Canudos, sendo seis no estado de Alagoas, quatro no estado da Bahia, doze no estado do Ceará, oito no estado do Maranhão, seis no estado da Paraíba, três no estado de Pernambuco e duas no estado do Rio Grande do Norte, destarte, deixando implícito que os picos que se estabeleceram foram derivados especificamente do uso desse armamento na Guerra de Canudos (**Figura 9**).

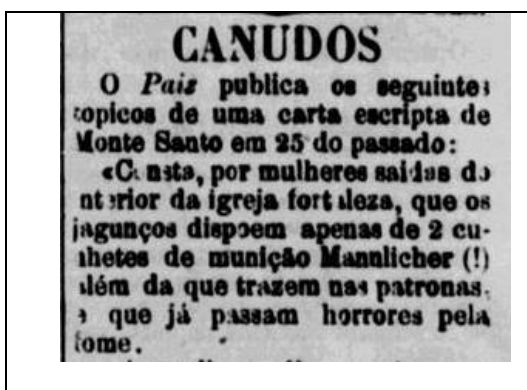


Figura 8 - Notícia do jornal A República sobre o uso do armamento em Canudos. Data: 18/08/1897. Fonte: Hemeroteca. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720534&pesq=comblain>>. Acessado: 2 de março, 2017.

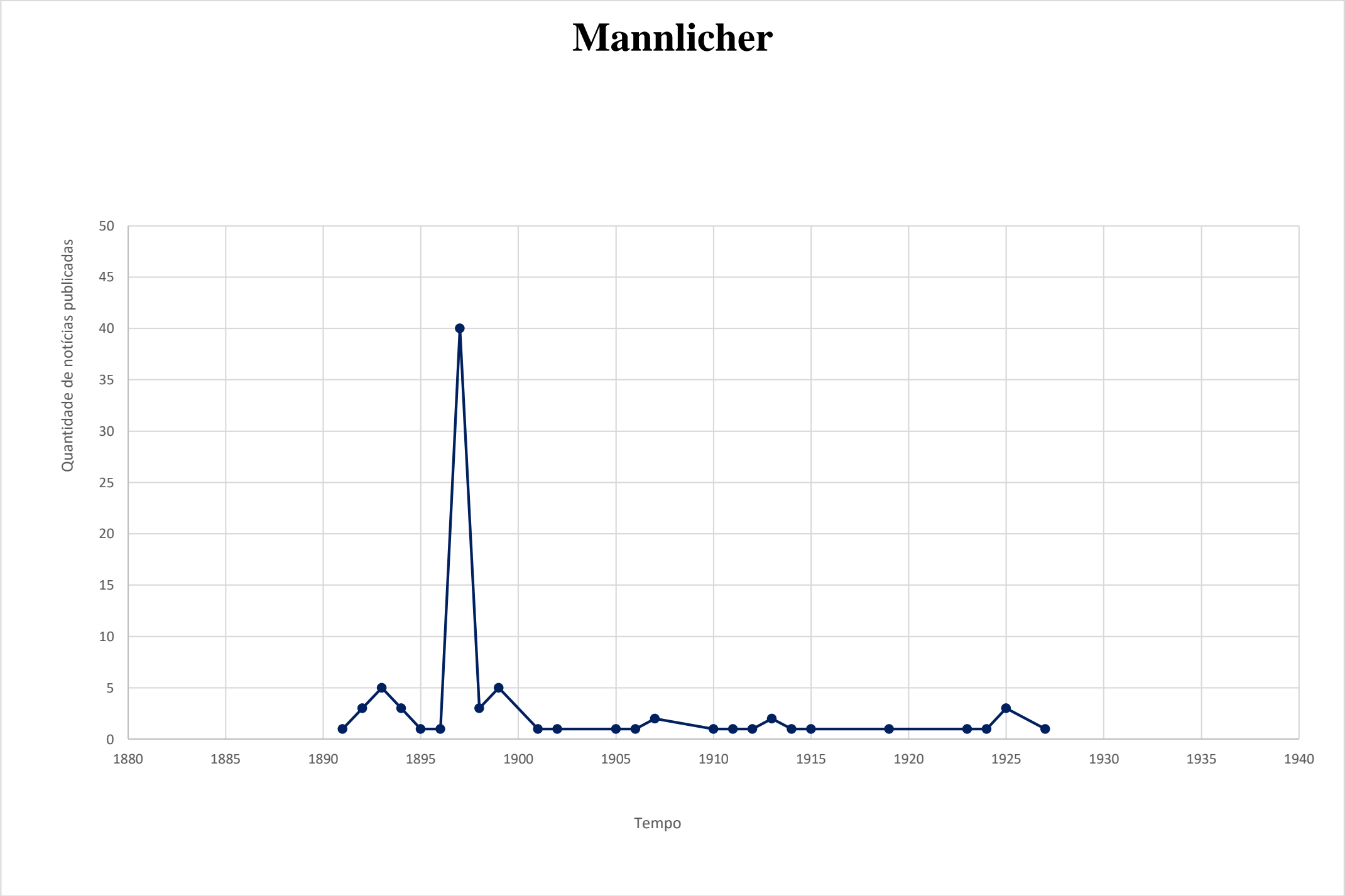
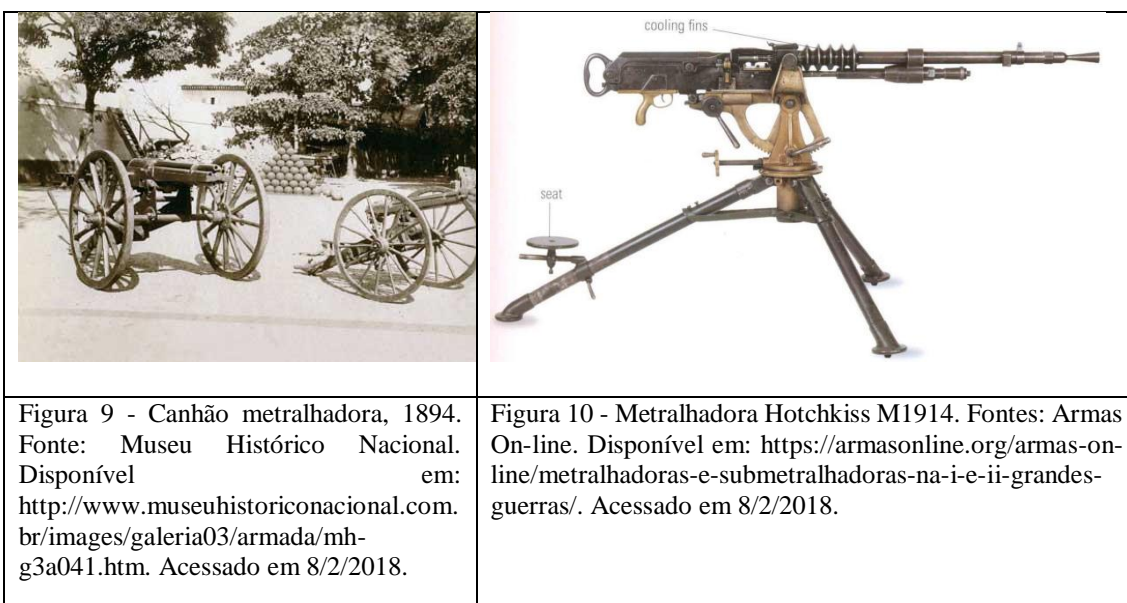


Gráfico 8 - Arma Mannlicher.

Fonte: A autora (2018).

4.1.5. Hotchkiss

A Hotchkiss foi criada por Adolf Odkolek von Ujezda e patenteada pelo norte-americano Benjamim B. Hotchkiss, dono da empresa francesa Hotchkiss. Essa empresa criou diferentes tipos de armamentos, desde canhão metralhadora a metralhadoras. É interessante destacar que durante a Primeira Guerra Mundial as metralhadoras Hotchkiss modelo 1909 e modelo 1914 estiveram na linha de frente francesa (NETO, 2015).



Com aceitação desses armamentos pelo governo Francês, outros países como Japão e México adquiriram as Hotchkiss. O Brasil utilizou a Hotchkiss modelo 1914, que participou ativamente de conflitos como a Revolução Constitucionalista de 1932. Os combatentes paulistas quando a ouviam disparar, a apelidavam de “pica-pau”, devido ao ruído característico de sua baixa cadência de tiro (NETO, 2015).

É possível perceber que a Hotchkiss aparece em diferentes datas no gráfico, tendo as quatro primeiras notícias publicadas em datas próximas: inicialmente nos anos de 1885, 1887, 1892 e no ano de 1911, que, de modo geral, informam que o tipo de armamento utilizado foram os canhões e canhão metralhadora (**Figura 10**), fazendo todo sentido, já que esses canhões foram desenvolvidos em 1874 e chegaram no Brasil alguns anos depois. A quinta notícia, cronologicamente mais distante, no ano de 1926 e logo depois no ano de 1928, informa que o tipo de armamento é uma metralhadora (**Figura 11**), podendo ser resultado da aquisição da mesma pelo o Exército Brasileiro no ano de 1922. Esses armamentos foram encontrados em todos os estados de Alagoas, com exceção do estado da Paraíba e do Rio Grande do Norte. As

notícias sobre esse armamento estão relacionadas ao governo e às forças armadas, caracterizando não serem armamentos de uso comum da sociedade.

É notório que as armas citadas neste artigo são de grande importância para entender esse período do Cangaço por serem usualmente utilizadas pelos volantes, jagunços e cangaceiros, com exceção da Hotchkiss (armamento de uso exclusivo do exército e não se encontrava acessível aos cangaceiros) que foi fundamental durante os últimos anos do Cangaço. Apesar de ser uma arma que apresentou poucas informações durante a pesquisa, isto devido a própria utilização da mesma pelo exército, seu uso foi marcado como a arma que matou o famoso “Rei do Cangaço”, Lampião em Angico e causando a queda do longo período do Cangaço nos anos seguintes.

Em uma parte do trecho do livro “Os cangaceiros: Ensaio de interpretação histórica”, autoria de Luiz Bernardo Pericás mostra que:

“(…) ficou cada vez mais difícil para Lampião combater inimigos munidos de armas mais pesadas, que ele não possuía, como a Hotchkiss e a metralhadora portátil Thompson, calibre 45, entre outras. Os soldados comandados pelo tenente João Bezerra, que mataram Virgulino na tragédia de Angico, por exemplo, foram divididos em quatro grupos, cada qual levando uma Hotchkiss. Foi com essa arma que eliminaram o ‘rei’ dos cangaceiros” (PERICÁS, 2010, pag. 185).

4.1.6. Parabellum

A famosa Parabellum surgiu a partir de alterações feitas no projeto da pistola Borchardt, desenvolvida por Hugo Borchardt enquanto trabalhava para [*Ludwig Loewe & Company*](#) (empresa de armamentos de Ludwig Loewe). O projeto Borchardt apresentou grandes problemas fazendo com que a diretoria da empresa pressionasse seu criador a fazer modificações para melhoria de uso e, consequentemente, vendas. Entretanto, devido a recusa em realizar alterações em seu “modelo perfeito” (como acreditava Borchardt), o projeto foi designado para o engenheiro Georg Luger. Sendo assim, devido a grandes quantidades de modificações que precisaram ser estabelecidas no projeto, Luger acabou por criar um armamento totalmente novo, onde surgiu o primeiro modelo da Parabellum em 1900 (**Figura 12**). Sendo essa uma arma com uma estética mais trabalhada, mais elegante, bem balanceada, com um ângulo de empunhadura acentuado, essa última considerada por muitos atiradores como a melhor e a mais ergonômica dentre as oferecidas em todas as demais pistolas militares (NETO, 2011).



Figura 11 - Armas Luger Parabellum de 1906 de contrato brasileiro, com uma caixa de munição. Fonte: Armas On-line. Disponível em: <<https://armasonline.org/armas-on-line/a-pistola-parabellum-luger/>>. Acessado em 8/2/2018.

O Brasil teve grande destaque na compra desses armamentos através da fábrica D.W.M (Deutsche Waffen und Munitionsfabrik – empresa agente na distribuição desses armamentos), pois em 1908 o Governo Brasileiro fechou contrato com uma aquisição de 5.000 pistolas do modelo 1906, em calibre 7,65mm Parabellum, muito similar às do Governo Português. As pistolas foram gravadas a partir da numeração 0001 e terminando em 5000, correspondendo a quantidade de arma adquiridas. É importante ressaltar, segundo a plataforma virtual *Armas On-line*, que a Luger Parabellum existe somente em dois modelos básicos, o 1900 e o 1906, conhecidas como *Old Model* e *New Model*, possuindo diferenciações em algumas de suas características, como por exemplo, as várias alternativas de comprimento de cano e também a opção de usar ou não a trava de empunhadura.

As vinte e uma notícias publicadas que aparecem no gráfico foram encontradas em quase todos os estados, com exceção dos estados da Bahia e de Sergipe que não apresentou nenhuma notícia. As informações retiradas das publicações indicam, em sua maioria, que o uso dessas armas estava sendo feito pelas forças armadas, policiais e pessoas comuns da sociedade. Além disso, as notícias mostram que o armamento Parabellum está quase sempre acompanhado do armamento Mauser (**Figura 13**).

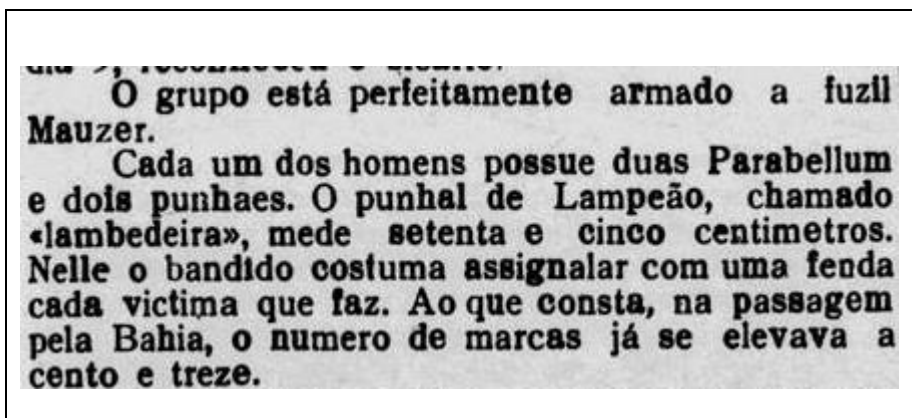


Figura 12 –A Parabellum e a Mauser em uma mesma notícia.

Data: 16/05/1931. Fonte: Hemeroteca: Jornal A Razão. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=721263&pesq=mauser>>.
Acessado em: 02 de abril de 2018.

Apesar da Parabellum ser uma das pistolas semiautomáticas mais utilizadas e aceitas no mundo, os periódicos do Nordeste brasileiro não apresentam muitas notícias da mesma, essa ausência de informações ocorre devido à grande quantidade de diferentes armas sendo introduzidas no Brasil na mesma época da chegada da Parabellum. Tais armamentos como a Comblain, Winchester e Mauser estavam em grande uso, limitando o uso e espaço da Parabellum que, inicialmente, apresentava problemas no mecanismo de disparo, parcialmente exposto do lado esquerdo da arma, podendo gerar o acúmulo de sujeira e engripar e o seu sistema de culatra de ação de joelho - *toggle-joint*. Ambos os sistemas exigiam tolerâncias mínimas de fabricação e ajustes perfeitos, o que fazia da arma uma das mais dispendiosas já fabricadas (NETO, 2011).

A Luger Parabellum foi uma das pistolas que foi utilizada pelas cangaceiras, pelos cangaceiros e, principalmente, por Lampião. No trágico acontecimento de Angicos, na qual resultou em sua morte, Lampião estava usando na sua cintura duas pistolas Parabellum.

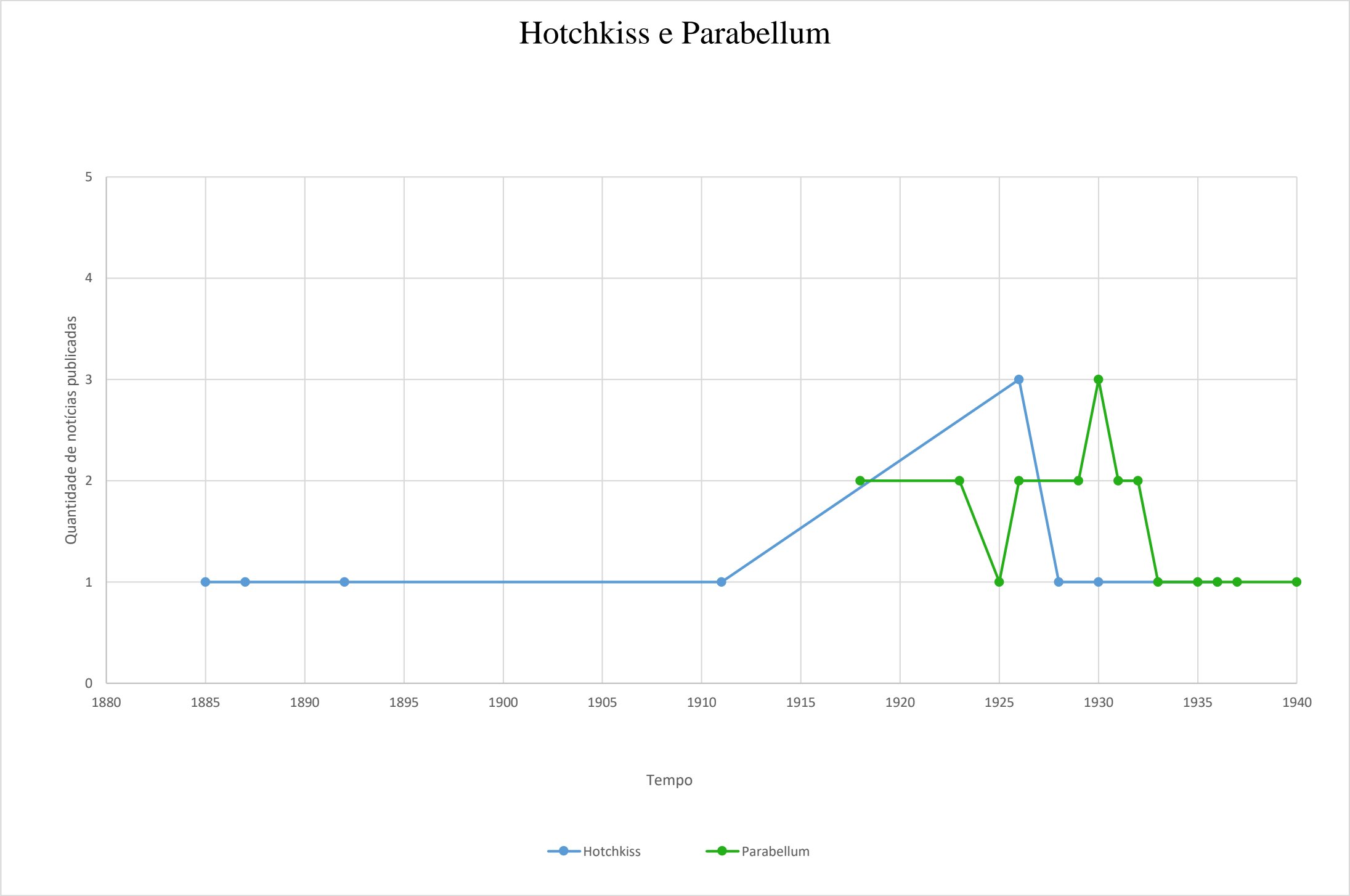


Gráfico 9 - Armas Hotchkiss e Parabellum.

Fonte: A autora (2018).

4.1.7. Mauser

O armamento Mauser teve uma longa participação nas duas Grandes Guerras Mundiais, por apresentar características revolucionárias que nenhum outro armamento da época apresentou. A princípio, é um pouco complicado entender o processo de surgimento dessa arma e a chegada da mesma no Brasil, por apresentar diferentes datas que deixam o leitor um pouco confuso. Portanto abordaremos primeiramente como se deu o surgimento desse armamento e depois o período em que as armas chegaram no país.



Figura 13 - Gráfico 10 - Fuzil Mauser “brasileiro”, modelo 1895. Fonte: Armas On-line. Disponível em: <https://armasonline.org/armas-on-line/as-espigardas-da-fabrica-de-itajuba/>. Acessado em 8/2/2018.



Figura 14 - Gráfico 11 - Fuzil Mauser “brasileiro”, modelo 1908. Fonte: Armas On-line. Disponível em: <https://armasonline.org/armas-on-line/as-espigardas-da-fabrica-de-itajuba/>. Acessado em 8/2/2018.



Figura 15 - Pistola Mauser C96. Fonte: Armas On-line. Disponível em: <https://armasonline.org/armas-on-line/a-pistola-mauser-c96/>. Acessado: 17/2/2018.

Historicamente, os fuzis mais confiáveis, resistentes e duráveis, foram desenhados e inventados por dois irmãos conhecidos como Wilhelm Mauser e Peter Paul Mauser, na qual foram, ao longo do tempo, realizando algumas modificações até chegar na mais autêntica e conhecida Mauser. Logo em seguida, o armamento foi adotado pelo Império Germânico em 1884, onde anos depois também sofreria algumas modificações, até chegar a Mauser modelo 1898.

Segundo a Armas On-line, Paul Mauser desenvolvia duas variantes de uma mesma arma, com ação totalmente remodelada, e que foi oferecida à Espanha em 1893, que por sua vez vendeu ao Brasil através da sede da empresa Ludwing Loewe, em 1894. Ainda no mesmo período do ano seguinte, o Brasil também adotaria a Mauser da *FN Herstal* (ou *Fabrique Nationale d'Herstal*), na Bélgica, ambas as armas foram trazidas a fim de substituir os antigos armamentos Comblain e Mannlicher, e municiar os soldados que estavam combatendo em Canudos.

Apesar do modelo ser de 1884, no Brasil é conhecido a partir da data de importação. A partir disso, é comum confundir o “modelo” de 1894 e 1895, anos em que foram realizadas importações de origens diferentes do mesmo modelo, porém é importante frisar que nos registros históricos brasileiros, o nome correto associado aos armamentos de ambas compras desse modelo é Mauser 1895, ou M1895 (**Figura 14**).

Além desse modelo o governo brasileiro resolveu substituir o modelo 1895 pelo mais moderno e reforçado modelo da Mauser, o 1898, denominado no Brasil como Mauser modelo 1908 (**Figura 15**), ano esse em que o armamento chegou ao país. Esse novo armamento era bem semelhante ao Fuzil G98 Alemão, pois tinha o mesmo calibre tradicional brasileiro, ocorrendo apenas uma pequena modificação com a alça de mira, sendo simplificada, acarretando na diminuição dos preços.

As pistolas também estiveram presentes nas Guerras, Conflitos, Revoltas e principalmente no uso do dia a dia dos militares, jagunços e cangaceiros. Assim como os fuzis Mauser e as pistolas Colt 1911, Luger Parabellum, Browning 1935 e Walter P-38, a pistola Mauser C96 também apresentou características que levaram ao sucesso e reconhecimento em vários países. Tornou-se uma das pistolas mais importantes no que diz respeito à criação de pistolas semiautomáticas, sendo uma das pioneiras, e única de sua época, que não sucumbiu à grande variedade de outros projetos e ideias mais modernas e soluções avançadas (NETO, 2011).

A pistola Mauser C96 foi inventada no mesmo período da conhecida pistola Borchardt C93, em 1895, ambas rivais, porém a Mauser C96 a superou por apresentar melhores características. Em virtude das modificações projetadas para cumprir as necessidades de cada país, vários modelos da Mauser C96 foram criados, entretanto será exposto neste artigo apenas alguns detalhes básicos que irão caracterizar e diferenciar melhor a pistola, como cão (ou martelo), que se modificou em três modelos básicos da arma: o *cone-hammer* - produzidas no ano de 1899 a 1900, sendo as mais raras; o *large-ring-hammer* - produzidas entre 1900 a 1908; e *small-hammer* - começou a partir de 1908 e é a mais fabricada e comum (NETO, 2011).

O **Gráfico 10** apresenta as notícias publicadas sobre as Mausers no Nordeste e o impacto que acontece com a chegada da mesma, sendo assim, a linha que está em vermelho “*Todas as Armas*” conta com todas as armas - com exceção da arma Mauser - que foram encontradas em todos os periódicos; e a linha em azul “*Mauser Nordeste*”, por sua vez, representa todas as armas Mauser que foram encontradas nos jornais de todos os estados pesquisados.

Uma coisa a ser observada sobre as notícias publicadas analisadas que faz menção a arma Mauser, é que a primeira e última referindo-se a arma, encontram-se no periódico do estado da Bahia, sendo a primeira em 1881 como tipo de ocorrência genérica e a última em 1948 (apesar do recorte ser em 1940, apareceu notícias em outras datas) informando ser um fuzil de uso policial.

Nesse gráfico podemos definir três grandes períodos de peças periódicas: dois de ascensão na quantidade e um de queda do número de menções. O primeiro, de 1897 a 1899, tem como pico o ano de 1897, no qual existe uma quantidade apreciável de peças periódicas para uma arma que acabava de ser adotada pelas forças armadas: são 29 notícias distribuídas entre os periódicos dos estados da Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Maranhão. É sabido que esse ano é marcado pelo recrudescimento dos combates da Guerra de Canudos e a Mauser é uma das armas que alimenta o pico desse ano de 1897 (**Figura 17**). Sendo esse armamento o primeiro modelo da Mauser 1895 que chega no Brasil e foi utilizado nesse combate de Canudos.

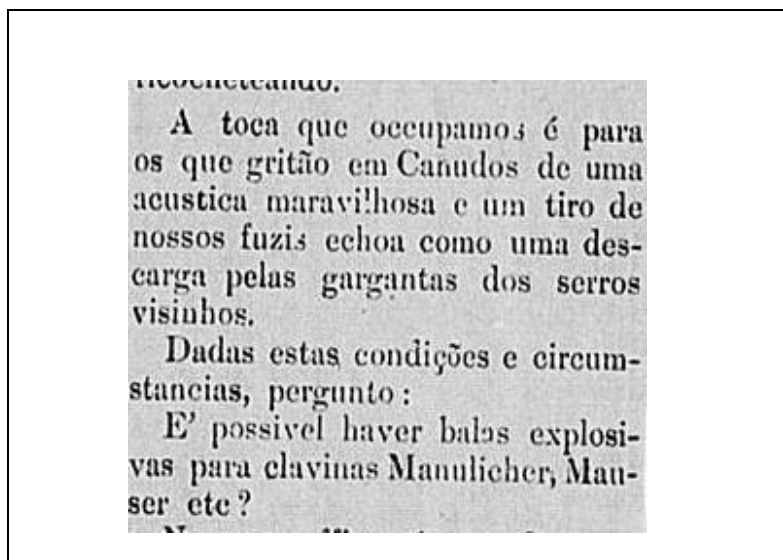


Figura 16 - Notícia do Jornal A União sobre o armamento Mauser em Canudos no ano de 1897.

Data: 11/09/1897. Fonte: Hemeroteca. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=171239&pesq=Mauser>>.

Acessado: 14/02/2017.

O segundo momento a destacar está no período 1908 – 1916, marcado por vários anos com 21,78% frente ao total da Mauser, isto é, foram 174 notícias publicadas sobre a Mauser durante esse período. As notícias aparecem basicamente em quase todos os estados, menos no estado do Rio Grande do Norte. O pico de 1909 no gráfico apresenta uma quantidade de notícias publicadas bastante interessantes com 27 notícias sobre a Mauser. É importante observar que no ano de 1908 é o período em que chega ao Brasil uma remessa do novo modelo Mauser, tanto de fuzis quanto de pistolas, como mencionado anteriormente, portanto, o pico de 1909 é reflexo do uso desse novo modelo de armamento Mauser 1908, que chegou no país afim de substituir o antigo modelo Mauser 1895. Isso implica dizer que a partir das primeiras décadas do século XX a Mauser 1908 tem uma grande influência nos picos do gráfico, principalmente porque a Alemanha, que é um dos principais países que distribui armas para o Brasil e para o mundo, estava se preparando para uma “possível guerra”, que culminaria na Primeira Grande Guerra. Em outras palavras você tem um país produzindo armamento e vendendo essa cultura material em massa, supondo que futuramente o mesmo afetaria nas questões sociopolíticas e econômicas de vários países, inclusive o Brasil.

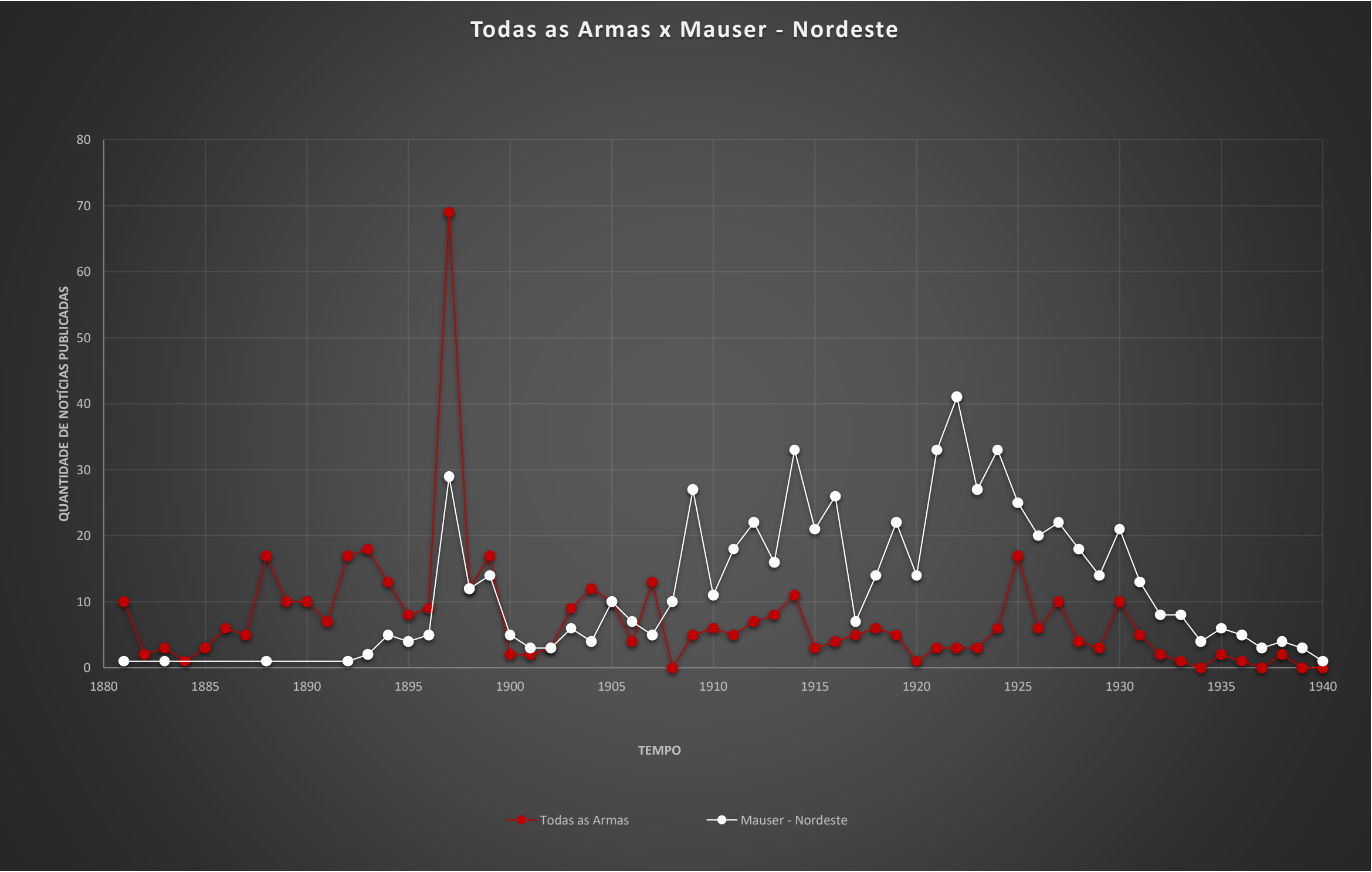


Gráfico 10 - Todas as Amas x Mauser - Nordeste.

Fonte: A autora (2018).

Dentre os anos de 1914, 1915 e 1916 estão as notícias que aparecem em grande quantidade. No ano de 1914, grande parte das 80 notícias publicadas estão nos jornais de Pernambuco e Maranhão. Esse é o ano em que estoura a Primeira Guerra Mundial, mas também é o ano da Revolta de Juazeiro, no qual oligarcas, populações locais, e jagunços se enfrentaram no Ceará, ocasionando grandes carregamentos de armas e munições para o Sertão. Além disso, há os efeitos de grande compra de armas feitas pelo governo brasileiro junto à já citada D.W.M. no início da década do século XX (NETO, 2012).

O ano de 1914 apresenta 33 notícias publicadas entre os periódicos dos estados da Bahia, de Pernambuco, do Ceará, do Piauí e do Maranhão. Existe uma maior quantidade de notícias em relação aos outros anos, já citados, quando eclode a Primeira Guerra Mundial, mas, levando em conta a tendência de queda do número de notícias para os anos posteriores podemos supor que esse pico anual esteja associado à Revolta mencionada e as últimas remessas europeias de armas antes das quebras de contratos e do bloqueio marítimo inglês imposto à Alemanha.

Dando continuidade às rotas marítimas, que é algo necessário para ter conhecimento de como se sucedeu a Primeira Guerra e principalmente para entender os motivos pelos quais o Brasil entrou na Grande Guerra, mesmo que de maneira, podemos assim dizer, “solidária”, fornecendo matéria prima, no caso o carvão para os Estados Unidos da América, enviou para França uma Missão Médica formada por oficiais e sargentos, para fundar o Hospital Médico em Paris, entres outras coisas.

A participação do Brasil na Guerra foi bem pequena em comparação aos demais países europeus, e sucedeu-se basicamente por conta dos afundamentos de algumas embarcações em diferentes regiões, sendo o afundamento do navio Macau o ápice da entrada do Brasil na Guerra, decretado em 26 de outubro de 1917.

A partir desse contexto histórico é possível inferir que o pico de 1917 no gráfico apresenta poucas notícias publicadas por conta dessa relação do Brasil com a Primeira Guerra Mundial, em que ao mesmo tempo acontecem os rompimentos das relações comerciais com a Alemanha, seu principal fornecedor de armamentos, com quem mantinha interesses comerciais. Para tanto, o que vai acontecer é uma interrupção de remessas de armas alemãs para o Brasil, e isso vai afetar diretamente na quantidade de notícias publicadas sobre tal armamento, desse modo, levantou-se um questionamento acerca do o uso da arma: Tal uso tem uma diminuição que considerável no Nordeste ou simplesmente não se publica mais com tanta recorrência notícias que estejam associadas as questões alemãs, incluindo o armamento, já que o mesmo

remete a um país que influenciou a entrada do Brasil na Guerra? Esses jornais no início da Guerra eram muito mais germanófilos do que aliadófilos e isso refletiu diretamente nas notícias publicadas sobre as armas? O quanto o rompimento de interesses de exportação e importação afetou as relações publicitárias e consequentemente a sociedade?

Já no período que começa no ano de 1921 até 1930, onde os picos aparecem com a maior porcentagem de armamentos, com 31,79%, depois do ano de 1897, pode estar associado a uma considerável aquisição de armamentos entre 1922 e 1924, quando o Brasil fecha contrato com a C.V., da Tchecoslováquia (NETO, 2011), ou seja, segundo o historiador Adler Homero de Castro, é um outro modelo Mauser muito comum utilizado no interior do Brasil, e é precisamente em 1922, o ano que apresenta a maior quantidade de armamento e coincidentemente quando irrompem as Revoltas Tenentistas país afora contra a República Velha, tendo como uma das consequências a formação da Coluna Prestes, a qual influenciará profundamente o balanço de poder no Nordeste, supostamente trazendo uma grande quantidade de armas para aquela região, alterando assim a quantidade de notícias nos periódicos.

No capítulo do livro “Como dei cabo de Lampião” de João Bezerra, cita em uma parte que mostra a relação dos coronéis com a Mauser, e a facilidade que os mesmos tinham em obter o armamento:

O chefe precisa sempre arranjar um mosquetão ‘Mauser’ por ser uma arma de confiança e que lhe servirá quando for atacado pelos bandidos. Invariavelmente aparece uma ex-praça com algum fuzil ‘que trouxe da revolução’. Ora, às vezes, semelhante praça não havia tomado parte em revolução alguma, porém a arma não deixa nunca de ter sido originada dum movimento revolucionário. (...) Em seguida, vem invariavelmente a grande necessidade de munição. (...) Aparece, então, outro soldado que encontrou na estrada um pente de munição adequada àquela arma que, por certo, veio também de São Paulo (...) (BEZERRA apud MELLO, 1983, p. 6).

O interessante é que a Coluna Prestes, a qual causou grande preocupação no Nordeste, entre 1926 e 1927, corresponde ao terceiro período demonstrado por nosso gráfico, justamente uma época de diminuição das notícias sobre a Mauser. Embora, a quantidade de armas existente no palco dos combates não esteja indefectivelmente ligada à quantidade de notícias – há uma correlação causal, mas não um espelhamento entre armas e notícias sobre armas – ainda não sabemos como explicar o suposto armamento da população e dos cangaceiros, por parte de mandões locais e governos estaduais *versus* a diminuição da quantidade de notícias. O discurso do armamento seria uma forma de fornecer umas poucas armas contra Prestes para depois tomar da população e dos *bandidos* mais armas do que efetivamente foram oferecidas? Seria uma

maneira de tentar desarmar o sertão sem ferir os brios dos mandões locais, *capitães* e *coronéis* alicerçados sobre jagunços armados?

Para entender melhor o motivo desses questionamentos, é interessante que o leitor compreenda como funcionou a legislação em um contexto histórico de desarmamento nacional e regional do país. Começemos pelos primeiros séculos quando o Brasil era um país colono e surgiu as Ordenações Filipinas de 1603, que foram um código de leis promulgado no início do século XVII, com validade para as colônias de Portugal (PINTO, 2018).

Logo em seguida, em 1831 entrou em vigor o Código Criminal do Império do Brasil, que trazia em sua Parte Quarta “dos crimes policiais”, no capítulo V os artigos 297, 298 e 299 que tratavam do “uso das armas defesas” (ALEIXO; BEHR, 2015).

Entretanto, ambas as leis ainda detinham de uma certa liberdade em relação ao uso dos armamentos, a intenção era muito mais no sentido de controlar possíveis rebeliões dos colonos, não diferentemente aconteceu com a implantação do desarmamento de 1934. Historicamente falando, essas leis surgem como estratégia de dominação, no caso do período do Cangaço é fortemente visto pelos coronéis em relação aos cangaceiros ou jagunços que são popularmente conhecidos como bandoleiros do Sertão.

Diante disso, podemos entender o motivo pelo qual existiram leis regionais sobre o desarmamento, tendo em vista que com essas leis em atuação implica dizer que cada estado do Nordeste agiu de uma forma diferente diante dos acontecimentos que foram surgindo. Um bom exemplo para explicar essa situação é o estado do Ceará, que começa a ter uma restrição maior no porte de armas depois da Sedição de Juazeiro em 1914 quando os fazendeiros e/ou os coronéis sentem a pressão e o medo das movimentações de revoltas que estavam acontecendo nos últimos anos. Vejamos a imagem 18 que mostra a notícia a qual ressalta a existência de uma lei de desarmamento vigorando no estado, porém na mesma notícia fica claro que há uma certa flexibilidade na “Lei”, ou seja, alguns tem acesso às armas com maior facilidade, diferentemente de outros indivíduos. Com isso, levanta-se os seguintes questionamentos: já que era proibido ter porte de tal armamento, qual o sentido de o jornal ter abordado este assunto em sua publicação? E se foi publicado, que tipo de informação é essa, quem estava utilizando tal arma a ponto de virar notícia?

Contudo, a partir da observação da porcentagem de quantidade de ocorrências encontradas nos periódicos percebemos que cada estado apresenta uma quantidade diferente de ocorrências, como no caso de Pernambuco que com apenas um periódico obteve uma

quantidade enorme de ocorrências. Tudo isto pode ser fruto de diversos fatores em que os mesmos podem ou não estar correlacionados uns com os outros, sendo estes atrelados a questão portuária de comercialização, a questão do próprio processo de legislação estadual e a importação de material bélico. Esses fatores, portanto, são importantes para entender quais são os limites de informações dos jornais, pois se não existiu um controle aduaneiro, não virou notícia, mas caso contrário, se existiu esse controle de entrada de armas é mais fácil publicar como notícia em comparação com as armas contrabandeadas.

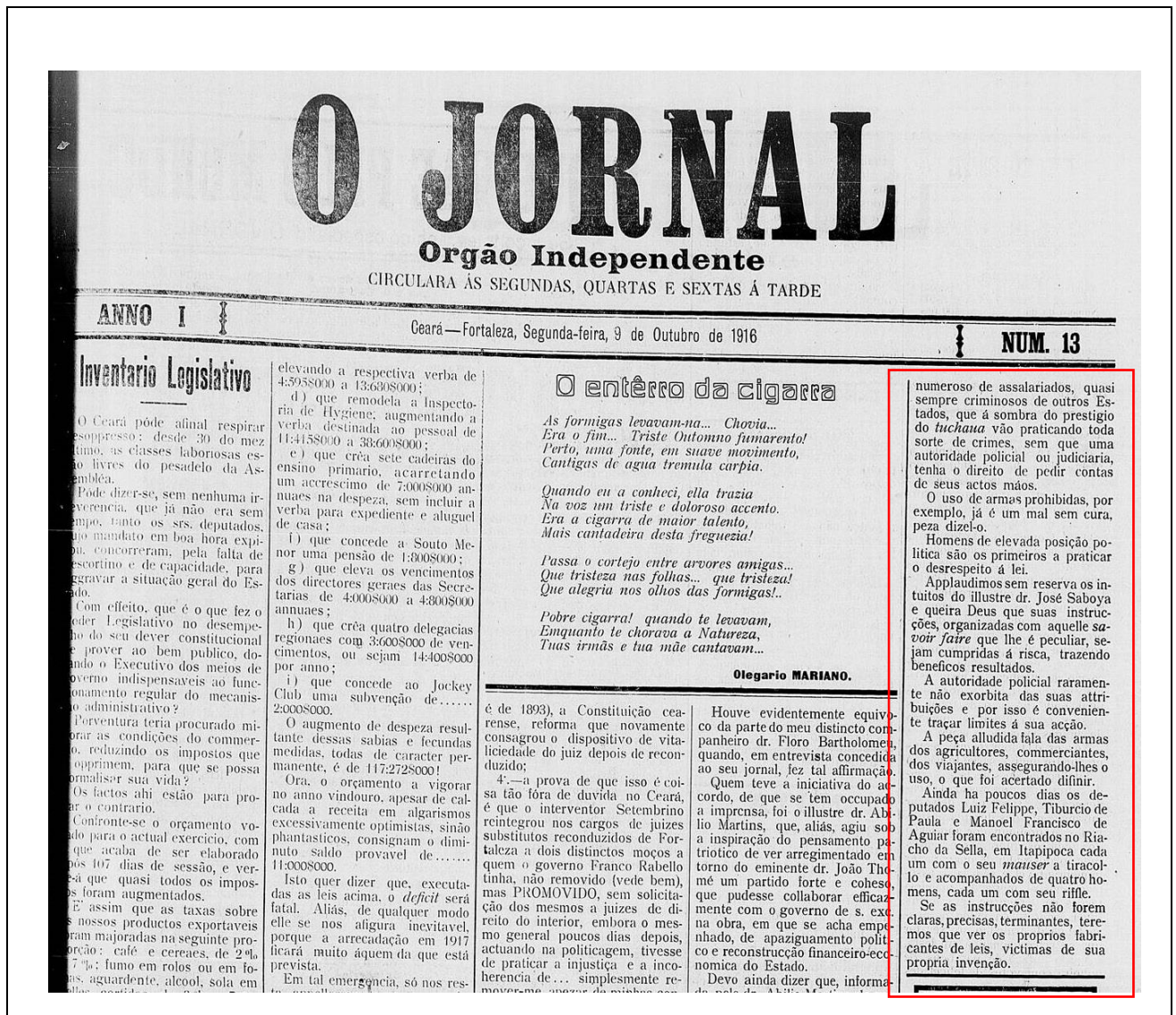


Figura 17 - Apresenta na notícia a existência de uma Lei que restringe o porte de armas. Fonte: Hemeroteca
Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=721239&pagfis=30>>
Acessado: 22/8/2018.

Como o objetivo central da pesquisa é entender como se deu essa destruição de armas no Nordeste, utilizou-se das informações das ocorrências sobre a cultura material bélica Mauser do estado de Pernambuco, devido ao fato de que esse armamento apresentou uma quantidade bastante significativa de notícias publicadas, e pelo fato de que as mesmas aparecem dispersas em diferentes cidades do estado, podendo assim, compreender com maior eficácia essa distribuição de armas.

O mapa 2 apresenta a distribuição temporal e espacial de armas Mauser encontradas no estado de Pernambuco, sendo que cada cidade demarcada no mapa apresenta uma certa quantidade de notícias publicadas sobre a Mauser. Contudo essa destruição de armamentos se dá através da cultura material e tempo, isto é, cada município destacado levou em consideração a notícia mais antiga desse armamento em relação ao local (município) publicada no periódico do estado de Pernambuco.

Desta forma, as cidades que estão em cor verde mais escuro é onde foram encontradas as notícias publicadas da Mauser com a data mais recuada, e em dégradé, chegando a cor verde mais claro estão as cidades que apresentaram notícias publicadas com datas mais recentes de sobre a mesma.

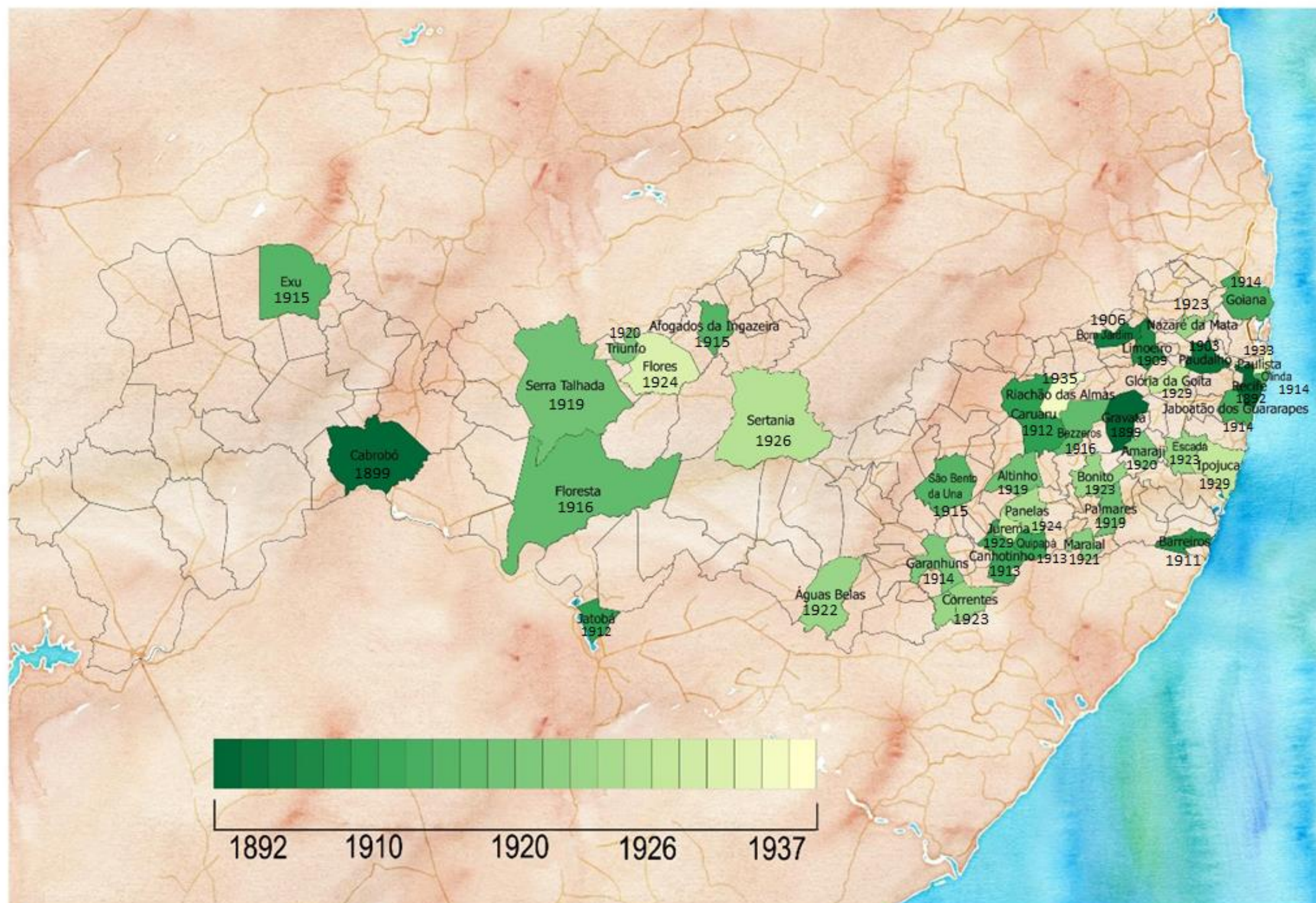
Diante do exposto, o mapa indica que as primeiras notícias publicadas sobre a Mauser estão localizadas em sua maioria no litoral pernambucano, ou seja, na capital de Recife e nas cidades metropolitanas, isto deve-se ao fato de que o principal porto de entrada de saída de cargas aduaneiras está localizado na região da capital pernambucana, evidentemente, essa região, principalmente Recife foi a cidade que obteve os primeiros contatos com essa cultura material bélica, pois os armamentos são importados de outros países, ocorrendo o descarregamento no destino solicitado, o porto.

Ainda sobre essas primeiras notícias publicadas, o município de Cabrobó, localizado na região do São Francisco no coração do Sertão pernambucano também apresentou uma ocorrência de arma no ano de 1899, nitidamente esse armamento chegou no Sertão em um período bem próximo ao chega no litoral, o que leva inferir que há um grande interesse no que diz respeito ao uso dos armamentos no Sertão. A fim de fortalecer esse pensamento, muitas das notícias publicadas sobre a Mauser em Pernambuco aparecem nos municípios nessa região.

Em relação as notícias publicadas mais recentes, elas aparecem em sua grande maioria nos municípios da região do Agreste pernambucano a partir do ano de 1920 em Triunfo, no ano de 1922 em Águas Belas e bem mais recente no ano de 1935 em Riachão das Almas.

Levando essas informações em considerações, é possível inferir a hipótese de que as armas estão chegando diretamente para uso no Sertão, após sedição do Juazeiro (1914), durante a Primeira Guerra Mundial e no Armistício. Indicando que essa distribuição de armas não é resultado de uma distribuição natural e gradual pelo estado de Pernambuco, pois as notícias apontam que chega primeiro no litoral (século XIX); segundo no Sertão (década de 1910); terceiro no Agreste (década de 1920).

Figura 18 – Mapa 2: Mapa de distribuição das armas Mauser no estado de Pernambuco.



Fonte: Priscyla Fernanda Oliveira Viana; Clara Reis Arimateia⁷ (2018).

⁷ Graduanda em Arqueologia pela Universidade Federal de Sergipe - UFS

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia, aborda, a partir dos resultados encontrados em análise realizadas em periodicos, a temática da cultura material bélica. A problemática de pesquisa encontra-se inserida em um contexto histórico que se inicia com o periodo da abolição da escravatura, passando pela Guerra de Canudos, Sedição de Juazeiro, Primeira Guerra Mundial, Revolta Tenentista, Coluna Prestes, Governo Vargas até chegar enfim ao período em que ocorreu o movimento do Cangaço.

É de conhecimento que muitos desses conflitos ocorridos no Nordeste, foram movimentos sociais que buscavam lutar por melhorias na qualidade de vida e contra os mal feitos causados pela seca. Tais movimentos mostram o quanto a resistência popular nordestina se manteve fortemente ativa, as opressões governamentais impostas à população, tornando evidente a importância de discutir sobre essas questões, as quais mantêm vivas até os dias atuais.

A violência no Brasil é algo retratado muito bem nas ações do banditismo do Sertão. Porém o que está sendo discutido nesta monografia vai além das questões particulares sobre os casos como agressão, tortura, decapitação, entre tantos outros, (mesmo que sendo importante). Ela também expõe como essa violência vem se desenvolvendo desde o processo colonial.

Pericás (2015) descreve a temática dizendo que:

As torturas com requintes de crueldade eram comuns. E as vítimas, variadas: de trabalhadores de obras contra as secas (cassacos em estradas, por exemplo) a mulheres que eram marcadas com ferro em brasa com as iniciais de algum bandido (o caso de José Baiano é o mais conhecido). (...) Tratamento similar era, muitas vezes, dado pelas tropas volantes, mostrando que ambos os lados personificavam os aspectos mais violentos e agressivos do sertão nordestino naquele período (PERICÁS, 2015, pag. 49).

Destarte, as diversas formas de violência praticadas por ambos os lados da versão histórica demonstram similaridades. As expressões de violência, nada mais são do que fruto de um processo histórico cultural colonizador que começou quando os europeus vieram ao Brasil trazendo os negros com intuito de escravizá-los e incluiu também escravidão indígena. Os colonizadores agiam deixando grandes marcas de agressividade nos negros, o que pode ter se perpetuado até as setes décadas do Cangaço e continuado presente nos relatos orais, contos, artigos, livros, obras de grandes autores e na atualidade.

Mas, muito além do que se tem conhecimento sobre a violência colonial, é dizer que as armas de fogo sempre tiveram presentes nos conflitos e no Cangaço como um todo, na verdade, a cultura material bélica é um dos elementos mais simbólicos e que exprime muito bem a figura cangaceiro, que por muito tempo gerou revoltas e conflitos por todo o Sertão. Destarte, tais conflitos ganharam magnitude quando as potências europeias, que se encontravam em uma corrida armamentista para a Primeira Guerra Mundial começaram a firmar grandes contratos com vários países, incluindo o Brasil.

A entrada de armamentos por rotas comerciais sucedeu-se pelos principais portos que estão localizados nas capitais de cada estado do Nordeste, podendo ter chegado no Sertão ainda pelas vias fluviais através de pequenas embarcações, como também por linhas ferroviárias que estavam em processo de crescimento nesse período. Após isso, foram distribuídos para os coronéis, jagunços, cangaceiros e demais grupos. Desse modo, podemos dizer que a distribuição intencional de armas ocorrida no Nordeste é um dos fatores que mais influenciaram para que o banditismo no Cangaço tomasse grandes proporções. Por ser um dos momentos em que o armamentismo ganha destaque mundial, contribuindo assim, disseminação da violência no Nordeste.

A contextualização histórica realizado a partir das ocorrências de armamentos do período do Cangaço, juntamente com as informações sobre as rotas marítimas comerciais faz-se necessária para entender o quanto estamos envolvidos diretamente nos contextos internacionais. Desde o período colonial até o período da República Nova, passando para o período pré-Guerra até o o pós-Guerra Mundial. Houve a produção em massa de cultura material bélica pelas grandes potências europeias, principalmente no final do século XIX e início do século XX. Percebemos o quanto tudo influência na violência que foi construída diante de diversos acontecimentos históricos no país, desde a abolição da escravatura até a era do Vargas.

Baseando-se somente nos dados obtidos durante as pesquisas realizadas em jornais e nas revisões bibliográficas sobre cada arma e, sobretudo, diante do que foi discutido sobre as diferentes formas de violências existente no Nordeste e principalmente dentro do contexto do Cangaço, podemos chegar a concluir que o processo tem uma cara exclusivamente local. O banditismo e a violência, por vezes, podem ser tidos como uma característica específica nordestina. No entanto, a problemática não é tão simples, é necessário levar em conta que a violência no Nordeste está associada também ao movimento de produção internacional e a grande disponibilidade de armamentos no país.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEIXEO, M.S; BEHR, G. A. **Desarmamento no Brasil: Lei 9.437/97 x Lei 10.826/03.** Revista Brasileira de Criminalística, V. 4, nº 1, p. 12-18, 2015.

ALVES, Eduardo Bruno. **DICIONARIO 1911 ARMAS DE FOGO.** Disponível em: <<https://1911armasdefogo.com/2013/01/01/dicionario-1911-armas-de-fogo/>>. Acesso em: 02 de abril de 2018.

ARTHUR, Max. **Vozes esquecidas da Primeira Guerra Mundial.** Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, Bertrand Brasil. 2014, p. 17.

ANDRADE R. M. **CALIBE DA SEMANA: .300 WINCHESTER MAGNUM.** Disponível em: <<http://firearmsbrasil.com.br/calibre-da-semana-2/>> Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

_____. **CALIBE DA SEMANA: 9MM PARABELLUM.** Disponível em: <<http://firearmsbrasil.com.br/calibre-da-semana-2/>> Acesso em: 11 de janeiro de 2018.

ANDRÉN, Anders. **The Dialogue of Historical Archaeology.** In: BETWEEN ARTIFACTS AND TEXTS: Historical Archaeology in Global Perspective. Ed. A Division of Plenum Publishing Corporation. New York, 1998. p. 145-177. (tradução nossa)

Armamento e Munição: Classificação das armas de fogo quanto á alma do cano. Disponível em: <<http://www.armamentoemunica.com.br/2013/11/classificacao-das-armas-de-fogo-quanto.html>>. Acesso em: 02 de abril de 2018.

ARMAS BRASIL. **Comblain.** Disponível em: <<http://www.armsbrasil.com/SecXIX/declinio/ArmasFogo/comblain.htm>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

_____. **Mannlicher.** Disponível em: <http://www.armsbrasil.com/SecXIX/declinio/ArmasFogo/clay_mannlicher.htm> Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

_____. **Mauser.** Disponível em: <<http://www.armsbrasil.com/SecXIX/declinio/ArmasFogo/mauser.htm>> Acesso em: 14 de janeiro de 2018.

_____. **Mauser Belga.** Disponível em: <http://www.armsbrasil.com/SecXIX/declinio/ArmasFogo/mauser_belga.htm> Acesso em: 14 de janeiro de 2018.

_____. **Winchester.** Disponível em: <http://www.armsbrasil.com/SecXIX/declinio/ArmasFogo/clay_winchester.htm> Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. O sentido social e o contexto político da guerra de Canudos. 2012.

BARRETO, S. A. M. **A HISTÓRIA DO CANGAÇO ENQUANTO ATRATIVO TURÍSTICO: O CASO DO PRODUTO XINGÓ (CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO – SE).** Ilhéus – BA, 2004. Disponível em: <http://www.uesc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/turismo/dissertacao/dissertacao_sergio_alberto.pdf> . Acessado em 28 de agosto de 2018.

BEAUDRY, M. C. **Words for things: linguistic analysis of probate inventories.** In: BEAUDRY, M. C. (Ed.). Documentary archaeology in the New World, New Directions in Archaeology, Cambridge University Press, 1993; p. 43-50. (tradução nossa).

BEZERRA, João. **Como dei cabo de Lampião**. Apude MELLO, Frederico Pernambuco de. As Muitas Morte de um Rei Vesgo. 3ª ed. Recife, FUNDAJ/2Massangana, 1983.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Para uma história do negro no Brasil**. Rio de Janeiro, 1988. Biblioteca Nacional Digital Brasil. HEMEROTECA DIGITAL. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> . Acessado em: 4 de setembro de 2018.

BRASIL. DECRETO Nº 3.665, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2000. Dá nova redação ao Regulamento para a Fiscalização de Produtos Controlados (R- 105). Brasília – DF, 20 de novembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3665.htm>. Acesso em: 14 de abril de 2018.

BRASIL. DECRETO Nº 24.602 DE 6 DE JULHO DE 1934. Dispõem sobre instalação e fiscalização de fábricas e comércio de armas munições, explosivos, produtos químicos agressivos e matérias correlatas. Brasília – DF, 06 de julho de 1934. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D24602.htm> . Acessado em: 20 de agosto de 2018.

CARLOS. **ARMAS HISTÓRICAS: S&W M937 – EXÉRCITO BRASILEIRO**. Disponível em: <<http://armashistoricas.com.br/sw-m937-exercito-brasileiro/>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2018.

CÂMARA, Yls Rabelo; CÂMARA, Yzy Maria Rabelo. **O NACIONALISMO BRASILEIRO EM SUAS DIVERSAS FORMAS: A VOZ DO NORDESTE REPRESENTADA PELO CANGAÇO NO ROMANCE REGIONALISTA O CABELEIRA, DE FRANKLIN TÁVORA**. Entrelaces, v. 1, n. 7, p. 99-112.

CAMPOS, Raymundo. **História do Brasil**. Atual Editora. São Paulo, 1983, p. 171-173. Iba Mendes Pesquisa. Disponível em: <http://www.ibamendes.com/2011/07/primeira-guerra-mundial-1914-1918_14.html>. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

CASTRO, A. H. F. **Notas sobre o armamento na Guerra do Paraguai**. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/projetos/guerradoparaguai/artigos/Adler%20Armamento%20da%20Guerra%20do%20Paraguai.pdf>>. Acesso em: 02 de abril de 2018.

CHURCHILL, W. **Memórias da Segunda Guerra Mundial – volume 1 (1919-1941)**. Nova Fronteira. 4, ed. Rio de Janeiro.

DE ARAÚJO CLEMENTE, Marcos Edilson. **Ordem e desordem: campanhas de repressão ao cangaço e as formas do poder republicano na década de 1920**. **Revista História & Perspectivas**, v. 26, n. 49.

CLUBE DE TIRO.40. **SMITH & WESSON A HISTÓRIA**. Disponível em: < <http://www.clubeponto40.com.br/2017/07/20/smith-wesson-historia>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2018.

CUNHA, Euclides da, 1866-1909. **Os Sertões: (campanha de Canudos)** / Euclides da Cunha; edição, prefácio, cronologia, notas e índices Leopoldo M. Bernucci. – 2ª Edição – São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. – (Clássicos comentados I).

DARÓZ, Carlos. **ARMAS: METRALHADORA LEVE HOTCHKISS M1922**. Disponível em: <<http://darozhistoriamilitar.blogspot.com.br/2009/10/armas-metralhadora-leve-hotchkiss-m1922.html>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2018.

_____. **O Brasil na Primeira Guerra Mundial: a longa travessia**. São Paulo: Contexto, 2016.

DELPHINO, C. **Revolta de Juazeiro**. Disponível em: <<http://www.historiabrasileira.com/brasil-republica/revolta-de-juazeiro/>>. Acesso em: 16 de janeiro de 2018.

DEETZ, James. **In Small Things Forgotten**. Nova York: Anchor Books, 1996.

DIAS, CAROLINA IOOTTY. **Legislação para controle de armas leves no Brasil: de Vargas a Lula**. Brasil: as armas e as vítimas. Rio de Janeiro, v. 7, 1961.

Diferença entre Escopeta, Espingarda, Carabina e Fuzil. Disponível em: <<http://blog.tocandira.com.br/diferenca-entre-escopeta-espingarda-carabina-e-fuzil/>>. Acesso em: 02 de abril de 2018.

DUTRA, Wesley Rodrigues et al. **Nas Trilhas do Rei do Cangaço e de suas Representações (1922-1927)**. 2011. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ppgh/2011_mest_wesley_dutra.pdf>. Acessado 26 de agosto de 2018.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL: TIMBÓ Município de Esplanada, Ba. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba_propria/timbo.htm>. Acesso em: 10 de abril de 2018.

FERNANDES, C. **Guerra de Canudos**. Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/guerra-canudos.htm>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2018.

FUNARI, Pedro Paulo; ARQUEOLÓGICAS, Fontes. Os historiadores e a cultura material. **Fontes Históricas. São Paulo: Contexto**, p. 81-110, 2005.

Fundação BIBLIOTECA NACIONAL. **Digitalização**. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/sobre-bn/competencias-atividades/digitalizacao>>. Acesso em: 28 de agosto de 2018.

_____. **Microfilmagem**. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/sobre-bn/competencias-atividades/microfilmagem>>. Acessado em: 28 de agosto de 2018.

_____. **Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros – PLANO**. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/explore/planos-preservacao/plano-nacional-microfilmagem-periodicos-brasileiros>>. Acessado em: 28 de agosto de 2018.

HASTING, M. **Catástrofe – 1914: a Europa vai à guerra**. Editora Intrínseca. Rio de Janeiro, 2014.

HISTÓRIA DO BRASIL. **Revolta de Juazeiro – resumos, causas, Padre Cícero**. Disponível em: <https://www.historiadorbrasil.net/resumos/revolta_de_juazeiro.htm>. Acesso em: 16 de janeiro de 2018.

Iba Mendes Pesquisa. **A Primeira Guerra Mundial: 1914-1918**. Disponível em: <http://www.ibamendes.com/2011/07/primeira-guerra-mundial-1914-1918_14.html>. Acessado em: 20 de agosto de 2018.

INSTITUTO DE DEFESA: *Cano raiados e canos de alma lisa*. Disponível em: <<http://www.defesa.org/canos-raiados-e-canos-de-alma-lisa/>>. Acesso em: 02 de abril de 2018.

JESUS, A. L. S. **Estrada férrea completa centenário em SE: A inauguração da Estrada de Ferro Timbó em Sergipe (1913-1915)**. Disponível em: <<http://www.infonet.com.br/blogs/fernandofreitas/ler.asp?id=175981>>. Acesso em: 10 de abril de 2018.

JUNQUEIRA, E. **GUERRA DE CANUDOS**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/GUERRA%20DE%20CANUDOS.pdf>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2018.

KERSHAW, I. **De volta do Inferno: Europa, 1914-1949**. Editora Companhia das Letras, 2016.

LORENÇO FILHO, M. B. **Juazeiro do Padre Cícero**. 4. ed. aum. Brasília: MEC/Inep, 2002. p. 178 (Coleção Lourenço Filho, ISSN 1519-3225; 5).

DA MATTA MACHADO, Maria Christina Russi. **Aspectos do fenômeno do cangaço no Nordeste Brasileiro**. *Revista de História*, v. 46, n. 93, p. 139-175, 1973. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/132582/128676>>. Acessado em: 18 de agosto de 2018.

_____. **As táticas de Guerra dos Cangaceiros**. Laemmert: Rio de Janeiro – RJ. 1969, pag. 03.

MALHEIROS, A. M. P. **A escravidão no Brasil**: ensaio histórico-jurídico-social. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 1866, V. 1, p. 230. ISBN: 978-85-7982-072-4.

MARTINS, Luciana de Lima. **História, Literatura e Memória**: Reflexões sobre a Grande Guerra – 1914/1918. João Pessoa – PB, 2008. Iba Mendes Pesquisa. Disponível em: <http://www.ibamendes.com/2011/07/primeira-guerra-mundial-1914-1918_14.html>. Acessado em: 20 de agosto de 2018.

DE MELLO, Frederico Pernambuco; FREYRE, Gilberto. **Guerreiros do sol**: violência e banditismo no Nordeste do Brasil. Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda., 2014.

_____. DE MELLO, Frederico Pernambucano. **A castração real no cangaço: nota prévia a estudo de caso**. *Ciência & Trópico*, v. 31, n. 1, 2003.

_____. DE MELLO, Frederico Pernambucano. Aspectos do banditismo rural nordestino. **Ciência & Trópico**, v. 2, n. 1, 1974. Disponível em: <<https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/viewFile/131/63>>. Acessado: 26 de agosto de 2018.

MENDONÇA, Valterian Braga. **A experiência estratégica brasileira na Primeira Guerra Mundial, 1914-1918**. Niterói – RJ, 2008. Iba Mendes Pesquisa. Disponível em: <http://www.ibamendes.com/2011/07/primeira-guerra-mundial-1914-1918_14.html>. Acessado em: 20 de agosto de 2018.

MENESES, Antonio Alan Dantas de et al. **O cangaço em “Fogo morto” e em “Os Desvalidos”**. 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/4662/1/Dissertacao_CangacoFogoMorto.pdf>. Acessado em: 26 de agosto de 2018.

MENEZES, J. M. F. **ABOLIÇÃO NO BRASIL: A CONSTRUÇÃO DA LIBERDADE**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n36, p. 83-104, dezembro de 2009. ISSN: 1676-2584.

MOURA, Clóvis. **Antonio Conselheiro: um abolicionista da plebe**. Disponível em: <<http://www.oocities.org/textosdiversos/canudosabolicionista.html>>. Acesso em: 10 de abril de 2018.

MUNDO DAS MARCAS. **SMITH&WESSON**. Disponível em: <<http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2006/09/smith-wesson-real-gunmaker.html>> Acesso em: 12 de janeiro de 2018.

MUNDO DAS ARMAS. **As armas dos cangaceiros nordestinos**. Disponível em: <<https://www.mundodasarmas.com/2017/06/as-armas-dos-cangaceiros-nordestinos.html>>. Acessado em: 24 de maio de 2018.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Disponível em: <<http://www.museuhistoriconacional.com.br/images/galeria03/armada/mh-g3a041.htm>> Acesso em: 12 de janeiro de 2018.

NETTO, C. X. A. et al. A hemeroteca enquanto espaço documental, informacional e memorial. **Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS**. v. 20, n.2 – Jul/Dez. 2014.

NETO, F. P. C. **Fuzil da Comissão Alemã de 1888 “Gewehr’88”**. Disponível em: <<https://armasonline.org/armas-on-line/o-fuzil-da-comissao-alema-de-1888-gewehr88/>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

_____. **Fuzis e Carabinas na I e II Grandes Guerras**. Disponível em: <<https://armasonline.org/armas-on-line/os-fuzis-e-carabinas-na-i-e-ii-grandes-guerras/>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

_____. **Fuzis Mauser no Brasil e as Espingardas da Fábrica de Itajubá**. Disponível em: <<https://armasonline.org/armas-on-line/as-espingardas-da-fabrica-de-itajuba/>> Acesso em: 11 de janeiro de 2018.

_____. **Metralhadoras e Submetralhadoras na I e II Grandes Guerras**. Disponível em: <<https://armasonline.org/armas-on-line/metralhadoras-e-submetralhadoras-na-i-e-ii-grandes-guerras/>> Acesso em: 12 de janeiro de 2018.

_____. **O Calibre 8mm Mauser**. Disponível em: <<https://armasonline.org/armas-on-line/o-calibre-8mm-mauser-79x57/>> Acesso em: 14 de janeiro de 2018.

_____. **Pistolas e Revólveres na I e II Grandes Guerras**. Disponível em: <<https://armasonline.org/armas-on-line/armas-curtas-na-ii-guerra-mundial/>> . Acesso em: 12 de janeiro de 2018

_____. **Pistola Mauser C96**. Disponível em: <<https://armasonline.org/armas-on-line/a-pistola-mauser-c96/>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2018.

_____. **Pistola Parabellum “Luger” (Rev.1)**. Disponível em: <<https://armasonline.org/armas-on-line/a-pistola-parabellum-luger/>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2018.

_____. **Rifles e Carabinas Winchester “Lever-Action”**. Disponível em: <<https://armasonline.org/armas-on-line/os-rifles-e-carabinas-winchester-de-acao-por-alavanca>> Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

NOGUEIRA, A. P. S. **Canudos: uma História de morte, na luta pela vida**. Disponível em: <http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_I/ana_paula_santos_nogueira.pdf> Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

BURITI DE OLIVEIRA, Iranilson. **Artes de curar e modos de viver na geografia do cangaço**. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 18, n. 3, 2011.

O que é CARABINA – Diferença entre outras armas de cano longo. Disponível em: <<http://www.casadotiro.com.br/novidades-ver/o-que-e-carabina-diferenca-entre-outrasarmasde-cano-longo/30/>>. Acesso em: 02 de abril de 2018.

ORSER JUNIOR, C. E. **As diferentes fontes da arqueologia histórica**. In: A INTRODUÇÃO À ARQUEOLOGIA HISTÓRICA. Ed. OFICINA DE LIVROS LTDA. Belo Horizonte, 1992. p. 31-57. (FUNARI, tradução nossa).

PACONDES, Thiago. **Diferença entre Rifle, Fuzil, Espingarda e Carabina**. Disponível em: <<http://blog.falconarmas.com.br/diferenca-entre-rifle-fuzil-espingarda-e-carabina-entenda-agora/>>. Acesso em: 14 de abril de 2018.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os cangaceiros: ensaio de interpretação histórica**. Boitempo Editorial, 2015.

_____. **CANGAÇO E BANDITISMO SOCIAL**. Revista Ruris. V. 9, nº 2. 2015.

PINTO, G. L. B. C. **A INEFICÁCIA DA POLÍTICA DESARMAMENTISTA NO BRASIL**. Caruaru – PE, 2018.

POTIER, R. W. **O cangaço em verso: Cangaceiros, violência, valentia e honra nas representações do espaço sertanejo**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho de 2011.

RAMOS, J. E. M. **O Cangaço**. SuaPesquisa.com. 2018. Disponível em: <<https://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/cangaco.htm>> . Acessado em: 02 de setembro de 2018.

REBELO, Marcelo Machado. **O Estatuto do Desarmamento e crimes de posse e porte de arma de fogo**. Academia de Polícia de Santa Catarina, 2008.

ROCHA, Claudionor. **Armas de fogo: calibres exclusivos para as forças de segurança**. 2011.

ROSA, João Guimarães. **Grandes Sertão: Veredas**. 2 ed. Luso-Brasileira: Nova Aguilar, 1994. Pag. 544 – 550.

ROSA, R. **SEDIÇÃO DE JUAZEIRO**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/SEDI%C3%87%C3%83O%20DE%20JUAZEIRO.pdf>>. Acesso em: 16 de janeiro de 2018.

SANCHES, Pedro Luís Machado. Arqueologia e documentos escritos: relação contingente, ou conceitual e interpretativa. **Classica-Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, v. 21, n. 1, p. 25-37, 2008.

SILVA, Genilson Alves da. **O CANGAÇO NO BRASIL**. 2015. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/o-cangaco-no-brasil/135711>>. Acessado em: 28 de agosto de 2018.

SÓ HISTÓRIA. **A Primeira Guerra Mundial (1914-1918)**. Disponível em: <<http://www.sohistoria.com.br/ef2/primeiraguerra/>> Acesso em: 14 de janeiro de 2018.

_____. **Guerra dos Canudos**. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwj76qORiNrYAhVEhJAKHZT2DCEQFggyMAE&url=http%3A%2F%2Fwww.sohistoria.com.br%2Fef2%2Fcanudos%2F&usg=AOvVaw3uEzbycfsp3LZ3P6S1KQIc>> Acesso em: 15 de janeiro de 2018.

TodaMatéria: **Cangaço**. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/cangaco/>> . Acessado em: 28 de agosto de 2018.

VILLELA, Jorge Luiz Mattar. O ADVENTO DO ESTADO NOVO, A MORTE DE LAMPIÃO E O FIM DO CANGAÇO. **Revista de sociologia e política**, n. 09, p. 81-94, 1997.

Disponível em: < file:///C:/Users/PRISCYLA%20FERNANDA/Downloads/39300-145809-1-PB%20(1).pdf>. Acessado em: 26 de agosto de 2018.

_____. A Organização espacial do cangaço sob a chefia de Virgulino Ferreira da Silva, Lampião (1922-1928/1928-1938), ou, Como produzir território em movimento. 1995.

_____. **Operação anti-cangaço:** As táticas e estratégias de combate ao banditismo de Virgulino Ferreira, Lampião. **Revista de Ciências Humanas**, n. 25, p. 93-116, 1999.

_____. **Societas Sceleris:** cangaço e formação de bandos armados no sertão de Pernambuco. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 1, n. 2, p. 143-164, 2001.

WIESEBRON, Marianne L. **Um século de comércio de armas da Bélgica para o Brasil: 1830-1930.** **Ciência & Trópico**, v. 22, n. 1, 1994.

_____. **HISTORIOGRAFIA DO CANGAÇO E ESTADO ATUAL DA PESQUISA SOBRE BANDITISMO EM NÍVEL NACIONAL E INTERNACIONAL.** *Revista Ci&Trop*, V. 24, nº 2, p. 417-444. Recife – PE, 1996.

YENLSC, E. ANNE. **Legends, houses, families, and myths:** relationships between material culture and American ideology. In: BEAYDRY, Mary C. (Ed.). *Documentary archaeology in the New World, New Directions in Archaeology*, Cambridge University Press, 1993; p. 5-19. (tradução nossa).